

AMAR O MAR

REVISTA VIRTUAL DO PROJETO ALBATROZ



Projeto
Albatroz
BRASIL

Patrocínio:



PETROBRAS



EXPEDIENTE:

Amar o Mar - Revista Virtual do Projeto Albatroz
6ª Edição - Novembro de 2022 a Outubro de 2023
Publicada pelo Instituto Albatroz
Projeto Gráfico: Gustavo Antelmi
Edição: Juliana Justino
Diagramação: Gustavo Antelmi
Textos: Danielle Cameira
Imagens: Banco de Imagens Institucional



Projeto
Albatroz
BRASIL

Patrocínio:



PETROBRAS

GOVERNO FEDERAL



UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

ÍNDICE



INSTITUCIONAL Páginas 05 a 13



MAIS DE MIL PESSOAS PARTICIPAM DA INAUGURAÇÃO DO CENTRO DE VISITAÇÃO DO PROJETO ALBATROZ Pág. 05

PESQUISAS Páginas 14 a 18



SENSIBILIZAÇÃO DE PESCADORES EM ITAJAÍ (SC) RESULTA EM RECOLHIMENTO DE REDES FANTASMAS Pág. 14

EDUCAÇÃO AMBIENTAL Páginas 24 a 39



MUITO ALÉM DA DIVERSÃO: OFICINAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PROMOVEM O DESENVOLVIMENTO INFANTIL Pág. 24

POLÍTICAS PÚBLICAS Páginas 19 a 23



MONITORIA DO PLANACAP CHAMA ATENÇÃO PARA COLETA DE DADOS E GRIPE AVIÁRIA Pág. 19

COMUNICAÇÃO AMBIENTAL Páginas 40 a 46



EXPOSIÇÃO PROPÕE IMERSÃO NA BIOLOGIA E DESAFIOS DE CONSERVAÇÃO DOS ALBATROZES Pág. 42

EDITORIAL

Sonho bom é aquele que se sonha junto, é ainda melhor quando se realiza construindo a muitas mãos, transformando aquele sonho em um objetivo coletivo. Tudo começou com o sonho da Tatiana Neves, jovem bióloga nos anos 90 que tomou para si o objetivo de conservar os albatrozes e, desde sempre, quis ter um espaço dedicado para popularizar essas aves oceânicas magníficas e sensibilizar as pessoas pela experiência, como aconteceu com ela mesma.

Aos poucos, isso foi se tornando realidade, com trabalho árduo e a participação e colaboração de muitas pessoas, apoiadores, patrocinadores, equipe, voluntários, educadores, pescadores... que também começaram a sonhar o mesmo sonho e se dedicaram para que esse ano pudéssemos finalmente inaugurar o Centro de Visitação e Educação Ambiental Marinha do Projeto Albatroz em Cabo Frio (RJ)!

Desde 2014, quando começamos o nosso trabalho na Cidade, em parceria com a Universidade Veiga de Almeida, fomos recebidos de forma incrivelmente calorosa. E agora, mais do que nunca, nos sentimos em casa! Estamos prontos para devolver esse carinho e acolhimento aos moradores e visitantes de Cabo Frio e de toda a Região dos Lagos com um espaço de educação, ciência, cultura, entretenimento, arte, convivência e turismo. Um local com enorme potencial socioambiental em uma região estratégica para a conservação dos albatrozes e petréis e com uma biodiversidade riquíssima.

Por tudo isso, o destaque desta sexta edição da Revista Virtual 'Amar o Mar' não poderia ser outro senão a abertura do nosso Centro de Visitação. Mergulhe nesse novo universo com as matérias e entrevistas sobre a inauguração do nosso novo espaço e, se possível, venha nos visitar pessoalmente!

Além disso, relacionamos algumas ações realizadas pelo Projeto nesse último ano. Na área de Pesquisa Científica, falamos sobre o trabalho de monitoramento de portos, crise climática e o Banco Nacional de Amostras de

Albatrozes e Petréis, o BAAP, que chegou a dez mil amostras disponíveis para pesquisadores de todo o País. As pesquisas fortalecem o trabalho do Brasil nas políticas públicas nacionais e internacionais, subsidiando importantes discussões sobre medidas mitigadoras da captura, influenza aviária e ingestão de microplástico nas reuniões do Plano de Ação Nacional para a Conservação de Albatrozes e Petréis (PLANACAP) e do Acordo Internacional para a Conservação de Albatrozes e Petréis (ACAP).

Na editoria de Educação Ambiental, destacamos algumas das ações desenvolvidas com crianças da Primeira Infância até jovens do Ensino Médio, público interno da Petrobras, educadores, pescadores e Coletivo Jovem Albatroz, incluindo o manifesto elaborado por mais de 60 jovens dos coletivos jovens de conservação marinha ligados aos projetos que compõem a Rede Biomar.

Também tivemos importantes ações de Comunicação Ambiental, como a criação das exposições do Centro de Visitação, uma exposição virtual on-line e gratuita e o Dia Mundial do Albatroz, que expõem e destacam características biológicas dos albatrozes e as ameaças enfrentadas por essas aves ao longo de sua jornada pelo oceano. Lançamos também o Guia de Boas Práticas de Presença Digital da Rede Biomar, um material feito com muito carinho para compartilhar os conhecimentos sobre estratégias de comunicação digital de grandes projetos de conservação marinha que atuam na costa brasileira.

2023 foi um ótimo ano, e estamos prontos para alçar voos ainda maiores em 2024. Boa leitura!

Juliana Justino

Editora da Revista Virtual Amar o Mar e Coordenadora de Comunicação do Projeto Albatroz



AMAR O MAR

Revista Virtual
do Projeto Albatroz
Edição 6 - 2022/2023





PROJETO ALBATROZ

INSTITUCIONAL



MAIS DE MIL PESSOAS PARTICIPAM DA INAUGURAÇÃO DO CENTRO DE VISITAÇÃO DO PROJETO ALBATROZ

Evento aconteceu em Cabo Frio (RJ), contou com apresentações artísticas, atividades de educação ambiental e show da Orquestra Petrobras Sinfônica

O que antes era sonho, virou realidade. Em setembro, o Projeto Albatroz inaugurou seu Centro de Visitação e Educação Ambiental Marinha, o primeiro no país. O local tem o objetivo de disseminar a cultura oceânica e também a desenvolver a educação ambiental marinha para

crianças, jovens, educadores, pescadores e turistas de toda a Região dos Lagos. O evento envolveu mais de mil pessoas em apresentações artísticas, atividades de educação ambiental e show da Orquestra Petrobras Sinfônica.

A inauguração contou com a presença de moradores da cidade, pescadores e turistas que visitavam a região. Os projetos Uçá, Meros do Brasil, Costão Rochoso e Cavalos Marinhos, patrocinados pela Petrobras, marcaram presença com atividades artísticas e de educação ambiental com os educadores do projeto, ao lado dos integrantes do Coletivo Jovem Albatroz, espaço de formação de lideranças socioambientais do Projeto Albatroz. Além disso, a Prolagos, fornecedora de água do município, e a Universidade Veiga de Almeida



(UVA), também participaram com suas tendas no evento, e artesãs da região puderam expor e vender seus produtos da loja do centro.

Com apoio da Petrobras, 250 moradores de comunidades de Macaé (RJ), vieram de ônibus participar das atividades da inauguração, e o Projeto Albatroz providenciou uma praça de alimentação com distribuição de pipoca gratuita. Para o público infanto-juvenil, houve uma série de oficinas e brincadeiras voltadas à educação ambiental e à conexão com o oceano. A Prolagos envolveu as crianças no teatro infantil “Prolaguito e a Galera da Água”, que apresenta às crianças a dinâmica de conservação da Lagoa de Araruama e o papel dos pescadores neste trabalho.



A programação musical e artística contou com shows de talentos da região, como o Coral Despertar, oferecido pela Secretaria de Cultura do Município, e o concerto “Tributo a Cartola” do Grupo de Câmara da Orquestra Petrobras Sinfônica em homenagem ao ícone do samba brasileiro. Essa última atração foi um espetáculo musical e natural, pois aconteceu durante o pôr do sol de tirar o fôlego do público, que fez uma grande roda para comemorar a inauguração.



Parceiro de longa data do Projeto Albatroz, o artista plástico Alexandre Huber, responsável por todos as artes do centro, assinou durante a inauguração seu centésimo painel, que retrata as principais espécies de albatrozes que ocorrem no Brasil: o albatroz-viageiro (*Diomedea exulans*), albatroz-de-sobrancelha-negra (*Thalassarche melanophris*) e albatroz-de-nariz-amarelo (*Thalassarche chlororhynchos*).



Sonho realizado

Quando a fundadora e coordenadora geral do Projeto Albatroz, Tatiana Neves, teve o primeiro contato com a problemática da captura incidental de albatrozes pela pesca, ela era uma jovem bióloga que sempre estava acompanhando os trabalhos no Instituto de Pesca de Santos (SP). “Desde o primeiro momento que decidi estudar essas aves e as ameaças a que estavam sujeitas em alto mar, eu já sabia que era um projeto para a vida toda. Agora, 33 anos depois, posso dizer com orgulho que realizamos um sonho: trazer a biodiversidade marinha, a conservação e a cultura oceânica para perto do público”, explicou.

A trajetória para a construção do Centro de Visitação e Educação Ambiental Marinha começou ainda em 2019, quando a Prefeitura de Cabo Frio cedeu uma área de 18 mil m² ao lado do Parque Dormitório das Garças, ao lado da Lagoa de Araruama, por meio da Lei N^o 179/2019. Daí para frente, as empreiteiras Executare e SMW Engenharia construíram todos os pavilhões e locais de exposição.



Ponto de referência para a comunidade

Ainda segundo Tatiana Neves, mais do que apresentar a riqueza do oceano e da biodiversidade marinha para turistas e escolas, o Projeto Albatroz quer envolver os moradores das comunidades do entorno nas ações socioambientais da instituição. “Nosso centro fica no bairro do Porto do Carro, local próximo de várias comunidades importantes que podem se beneficiar das atividades de educação ambiental, lazer e geração de renda do Projeto, como Porto do Carro, Boca do Mato, Estradinha, Jacaré e Jardim Esperança”, explica. “Queremos que moradores, pescadores e suas famílias se sintam parte do nosso centro de visitação”.





Além do papel de agregador social, o Centro de Visitação e Educação Ambiental Marinha também será um lugar para aproximar as escolas da temática da conservação e da Década do Oceano. Desde 2014, o Projeto Albatroz está presente na Região dos Lagos realizando o Programa Albatroz na Escola (PAE), que capacita professores a trabalharem o assunto da conservação marinha dentro de sala de aula, somando mais de 44 mil pessoas envolvidas nas atividades.



“Com a chegada do centro, a ideia é que as escolas possam trazer as crianças para terem toda a experiência do PAE em um lugar cercado de materiais educativos, representações dos albatrozes e outros animais oceânicos”, afirma o educador responsável pelo PAE, Yago Ferreira.

Funcionamento

O Centro de Visitação e Educação Ambiental Marinha do Projeto Albatroz fica na Avenida Wilson Mendes, s/n, no bairro do Porto do Carro, e funciona de quinta-feira a domingo, sempre das 13h às 18h (a bilheteria encerra às 17h). Os ingressos custam R\$15 (inteira) e R\$7 (meia-entrada).

Crianças de 4 a 17 anos, estudantes, professores e maiores de 60 anos pagam meia-entrada. Crianças até 3 anos e moradores das comunidades do entorno têm gratuidade.

Escolas também podem agendar a visita em grupo, feita em horários pré-agendados e acompanhada pelos educadores ambientais do Projeto Albatroz. Neste caso, as reservas são feitas com 15 dias de antecedência pelo site.

SITE: projetoalbatroz/centro-de-visitacao

TATIANA NEVES, FUNDADORA E COORDENADORA DO PROJETO ALBATROZ: “É UM SONHO QUE SE TORNOU REALIDADE”

Há mais de três décadas a frente da instituição, a bióloga reflete sobre a trajetória do projeto, o papel do centro e o envolvimento com a comunidade de Cabo Frio (RJ)



Para a fundadora e coordenadora geral do Projeto Albatroz, Tatiana Neves, o Centro de Visitação e Educação Marinha é um sonho antigo, surgido ainda nos primeiros meses de criação do projeto, quando ela se encantou com o mundo das aves oceânicas e decidiu se dedicar a conservá-las.

Segundo ela, a escolha pela cidade de Cabo Frio foi estratégica para o trabalho do Projeto Albatroz, que está presente na região desde 2014. Isso porque trata-se de uma área pesqueira importante e rica do ponto de vista oceanográfico, da



qual os albatrozes mais se aproximam da costa, o que torna possível avistar essas aves pelágicas com mais facilidade do que em qualquer outra região do país.

Confira uma breve entrevista com Tatiana Neves, fundadora e coordenadora geral do Projeto Albatroz:

1 - Após 33 anos de trajetória na conservação marinha, o Projeto Albatroz inaugurou seu primeiro Centro de Visitação. Como fundadora e coordenadora geral da instituição, o que isso significa para você?

Significa, literalmente, a realização de um sonho. Quando eu era apenas uma jovem bióloga trabalhando em Santos, e tive contato com um pesquisador que estava em um barco pesqueiro vindo do Sul trazendo uma grande quantidade de aves mortas pela pescaria de espinhel, tive contato pela primeira vez com a realidade da captura incidental. Quanto mais eu pesquisava sobre o assunto, mais eu percebia que aquele seria um projeto para a vida inteira. E está sendo. Desde o início, sonhávamos com a possibilidade de sensibilizar o público geral, estudantes, crianças, adultos e também os pescadores sobre essa problemática, com um espaço dedicado ao assunto. E hoje posso dizer com orgulho que nosso centro é muito mais incrível do que um dia eu já sonhei.



2 - De tantas cidades no Brasil, por que o Projeto Albatroz escolheu Cabo Frio para a sede do centro?

Cabo Frio é uma cidade muito importante para a biodiversidade marinha e também para nós enquanto instituição. Primeiramente, a ressurgência é um fenômeno oceanográfico que ocorre na costa cabofriense que, com os fortes ventos, traz para a superfície os nutrientes das camadas mais profundas do oceano, atraindo espécies de cetáceos, peixes e aves, como é o caso dos albatrozes e petréis. Em segundo lugar, a pesca tradicional da cidade é essencial para a conservação das aves costeiras e marinhas, por isso desde 2014 estamos em Cabo Frio por meio de uma parceria com a Universidade Veiga de Almeida (UVA), graças ao nosso amigo de longa data e consultor do Projeto Albatroz, Eduardo Pimenta. Nesses quase dez anos, desenvolvemos trabalhos consistentes de pesquisa, monitoramento do porto, educação ambiental com pescadores e também escolas, que culminaram no reconhecimento do nosso trabalho pela Prefeitura de Cabo Frio. Em 2019, o então prefeito Adriano Moreno assinou o projeto de lei nº 179/2019, que cedeu o terreno ao lado do Dormitório das Garças para a construção do Centro de Visitação. Temos uma história especial com Cabo Frio!

3 - Além de atrair turistas e inseri-los no contexto da cultura oceânica, o centro também terá um papel social? Como será isso?

Sim, nosso objetivo é que o centro seja um local agregador para os moradores das comunidades do entorno. Eles podem ter acesso ao centro gratuitamente e participar das atividades de educação ambiental, entretenimento, oficinas e cursos. Também queremos que o centro seja nosso polo de educação ambiental. Desde 2011, realizamos as ações do Programa Albatroz na Escola (PAE) dentro das salas de aula. Agora, nosso desejo é que as escolas venham até nós em dias especiais, onde vamos dar atenção total aos alunos e desenvolver, juntos, atividades que sensibilizem as crianças sobre a importância da conservação marinha.





4 - Como foi criada a ideia por trás das exposições do Centro de Visitação? O que o público pode esperar da experiência?

Desde o início, nossa ideia era que os visitantes pudessem fazer um verdadeiro mergulho na biodiversidade marinha, porque os albatrozes não estão sozinhos no oceano. Eles fazem parte de um grande sistema de vida, de distribuição de nutrientes e de energia na cadeia alimentar oceânica. Além disso, queríamos mostrar as características das aves e também apresentar as particularidades do mangue, um ecossistema tão rico, tão próximo do Centro de Visitação e tão importante para a vida no oceano.



Por isso, criamos um trajeto que começa na Trilha do Mangue, onde o visitante pode conhecer a fauna e a flora características do manguezal; que leva à Calçada dos Ecossistemas, onde é possível conhecer a sucessão de ecossistemas marinhos e costeiros que vem desde o mangue, lagoa, restinga, dunas, praia arenosa, costão rochoso,

ambiente pelágico e por fim, o oceano. Dali, o visitante é convidado a dar um mergulho no Espaço Oceano e se encantar com a diversidade das espécies que habitam esse ambiente. Para fechar a visita, o Espaço Albatroz fala sobre a biologia dos albatrozes e petréis, apresentando as espécies e adaptações biológicas dessas aves incríveis, explicando a interação delas com a pesca e guiando o visitante por uma reflexão sobre o seu papel na conservação do oceano.



5 - Agora, com esse sonho realizado, quais são os próximos passos para o futuro do Projeto Albatroz?

Fazer valer o nosso Centro de Visitação, transformá-lo em uma ferramenta de referência em turismo e educação ambiental na Região dos Lagos, envolvendo toda a sociedade, principalmente as comunidades nas nossas ações e fazer com que eles se sintam parte desse projeto. Além disso, é claro, os próximos passos também envolvem aprimorar nosso trabalho contínuo com os pescadores, para que possamos aumentar cada vez mais o uso das três medidas de mitigação da captura (torilne, largada noturna e regime de peso) a bordo dos barcos, conservando albatrozes, petréis, e outros animais marinhos. Há também o planejamento de diversas ações junto às comunidades do entorno para capacitação de forma promover um impacto social positivo na região. Queremos alçar voos mais altos, conquistar novos públicos e disseminar a mensagem da conservação oceânica.



ALEXANDRE HUBER ASSINA SEU 100° PAINEL NO PROJETO ALBATROZ: “A ARTE É ESSENCIAL PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL”

Parceiro de longa data da instituição, Huber foi escolhido para criar os painéis que decoram as paredes do Centro de Visitação do Projeto Albatroz, em Cabo Frio (RJ)

A arte inspira, conecta, sensibiliza. É nisso que o artista plástico Alexandre Huber acredita. Ele trabalha desde 2009 com ONGs e instituições dedicadas à conservação marinha, somando mais de 250 oficinas de arte para crianças, cinco livros publicados, design de peças de roupas e cem murais pintados em diversas cidades do país - o último deles, no Centro de Visitação e Educação Ambiental Marinha do Projeto Albatroz em Cabo Frio (RJ).



O local, que funcionará como ponto turístico e também referência em ações de educação ambiental marinha, conta com três grandes painéis: um deles representando o ambiente de mangue da Lagoa de Araruama que margeia o centro, outro com um grande albatroz-de-sobrancelha-negra (*Thalassarche Melanophris*), e um terceiro com representações das principais espécies de albatroz avistadas no Brasil, o sobranalha-negra, o albatroz-viageiro (*Diomedea exulans*) e o albatroz-de-nariz-amarelo (*Thalassarche chlororhynchos*). Além disso, Huber foi o responsável pela criação de um painel no Espaço Oceano, com ilustrações em tamanho real das principais espécies de tartarugas encontradas no país.



A assinatura do centésimo painel ocorreu durante a inauguração do centro, com a presença de autoridades como a prefeita de Cabo Frio, Magdala Furtado, o gerente-executivo de responsabilidade social da Petrobras, José Maria Rangel e a fundadora e coordenadora geral do Projeto Albatroz, Tatiana Neves, amiga e parceira de longa data do artista.

Confira abaixo, uma breve entrevista com o artista plástico Alexandre Huber:

1 - Como começou sua história de parceria com o Projeto Albatroz?

A convite da Tatiana Neves, fiz meu primeiro painel como artista plástico para o projeto em 2009. A parceria foi tão boa que após esse primeiro trabalho, contribuí com a produção de jogos educativos como o da Grande Viagem do Albatroz, o Livro Para Colorir, moldes e ações nas escolas.



2 - Quais características dos albatrozes são mais únicas e interessantes na hora de criar uma ilustração?

O albatroz é um animal único, né? Quando vou criar uma arte, pintura ou ilustração, busco enriquecer as imagens dos albatrozes com características que os diferenciam de todas as outras aves, para poder aproximar esses animais oceânicos do público. Quando falamos sobre educação ambiental para crianças, esses detalhes são importantes para que elas reconheçam as suas grandes asas, o seu bico diferenciado, as narinas tubulares que filtram o sal, suas patas e cores.

3 - Para você, qual é a importância da arte e da ilustração para engajar crianças e jovens na educação ambiental?

Para mim, a arte é uma ferramenta super importante para alcançar de forma lúdica todos os públicos, de adultos a crianças. Com a arte, a curiosidade das crianças é aguçada, elas fazem perguntas aos pais e professores e, assim, aumentam seu conhecimento sobre as espécies. A gente costuma dizer que é preciso conhecer para conservar e, conhecendo suas características através da arte, as crianças se familiarizam com os

animais e passam a ser guardiões daquela espécie ou ecossistema, no caso, o oceano.

4 - Na inauguração, você assinou o seu 100º painel. Você pode falar um pouco sobre as inspirações para a criação dos painéis do centro? O que esse marco do 100º painel significa na sua carreira?

A conclusão do 100º painel significou a conclusão de uma missão pessoal de espalhar pelo litoral brasileiro, cem murais que retratassem a vida marinha para, como ferramenta de educação e cultura oceânica, passar às comunidades a importância da conservação do oceano. Comecei essa missão em 2009 com o Projeto Albatroz e não poderia terminar de forma diferente. Viajei pelo litoral de quase todo o país, de Rio Grande (RS) até Macapá (AM), então posso dizer que foi algo incrível e já estou pronto para as próximas. A inspiração para os murais do Centro de Visitação foi mostrar essa ave maravilhosa, com suas mais diferentes espécies, para o grande público. Acredito que hoje esse seja o maior painel de albatrozes do mundo. Nós conseguimos colocar a riqueza exuberante dessas aves nas paredes do centro e espalhar essa imagem pelo mundo para que todos conheçam essa maravilha que é o Centro de Visitação do Projeto Albatroz.

PROJETO ALBATROZ

PESQUISAS



SENSIBILIZAÇÃO DE PESCADORES EM ITAJAÍ (SC) RESULTA EM RECOLHIMENTO DE REDES FANTASMAS

Trabalho feito pelos técnicos do Projeto Albatroz faz troca informações com pescadores, incentivando a colaboração pela conservação marinha

Estima-se que os petrechos de pesca fantasmas, ou seja, as redes, linhas e outros materiais usados nas pescarias e depois descartados nos oceanos, representam cerca de 10% (640 mil toneladas) de todo o lixo marinho. Além de representarem risco de contaminação, as redes fantasmas têm alto potencial de captura de animais marinhos, o que pode ser fatal. Parte do trabalho dos técnicos do Projeto Albatroz que estão nos portos do Sul (Itajaí/SC e Rio Grande/RS) e Sudeste



(Cabo Frio/RJ) passa por trocar informações com pescadores sobre as pescarias e suas interações com as aves marinhas, buscando sensibilizá-los para a conservação marinha e o uso de medidas mitigadoras, tornando-os parceiros deste trabalho.

Em fevereiro, durante visita de rotina da equipe ao terminal pesqueiro “Cais do Gugu”, em Navegantes (SC), o consultor técnico Danilo Filipkowski conversou com pescadores da embarcação BP *Vô Dem II*. Em meio às conversas com os tripulantes e o mestre do barco sobre o uso de medidas mitigadoras e a coleta de dados sobre captura incidental, eles relataram que após conversar com a equipe em ocasiões anteriores, a tripulação decidiu começar a recolher redes fantasmas durante suas viagens. Em apenas um embarque, foram recolhidos mais de 30kg de redes.

As redes fantasmas geralmente são petrechos que se perderam das embarcações de origem, de forma inteira ou em partes, e ficam no oceano, causando impactos ambientais e econômicos, e capturando incidentalmente diversas espécies marinhas que poderiam potencialmente gerar renda ao setor pesqueiro. Por esse motivo, na opinião de Danilo Filipkowski, o trabalho de educação ambiental é fundamental, e tem como protagonistas os pescadores, que fazem parte da construção de soluções de problemas ambientais.



“Essa constatação da coleta de redes fantasmas por parte da nossa equipe, demonstra que a parceria com os pescadores gera resultados significativos e diretos, com benefícios tanto ao setor pesqueiro, com o restabelecimento dos estoques, quanto ao meio ambiente, com a conservação dos ambientes e organismos marinhos”.

Ele reforça que o Projeto Albatroz, enquanto membro da Rede Biomar, se compromete com a recuperação e conservação das populações de espécies marinhas ameaçadas e redução dos impactos ambientais nesses ecossistemas, levando essas discussões para dentro dos barcos pesqueiros e contribuindo com informações que empoderem os pescadores na conservação. “Esperamos que atitudes como a da tripulação do BP *Vô Dem II* se propaguem a outros terminais e barcos de pesca, e motivem ações contínuas e organizadas quanto a essa problemática.”

Metodologia de trabalho no porto

O Projeto Albatroz acompanha os pescadores do BP *Vô Dem II* há um ano, realizando visitas periódicas e conversando com seus tripulantes sobre os impactos ambientais, colhendo impressões sobre a interação dos barcos com as aves marinhas, tirando dúvidas sobre a biologia e o manejo desses animais, orientando sobre o preenchimento de documentos pesqueiros e fazendo o assessoramento técnico, muitas vezes em parceria com pesquisadores de outras instituições.





Banco Nacional de Amostras Biológicas de Albatrozes e Petréis

O BAAP recebe, processa, organiza e armazena amostras biológicas de albatrozes e petréis para fomentar a pesquisa através do acesso ao material biológico proveniente do trabalho e intercâmbio de informações de 18 instituições parceiras, maximizando o aproveitamento do material, destinando as carcaças dos animais para coleções ornitológicas e convertendo todas as amostras em fonte de dados para pesquisadores interessados.

BAAP OFERECE DEZ MIL AMOSTRAS PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISAS SOBRE ALBATROZES

Banco Nacional de Amostras Biológicas de Albatrozes e Petréis recebe e cataloga amostras de aves, além de fazer a mediação entre as amostras e os solicitantes

Com o objetivo de facilitar o acesso de pesquisadores às amostras biológicas para a produção de estudos científicos sobre Procellariiformes, o Banco Nacional de Amostras Biológicas de Albatrozes e Petréis (BAAP), gerido pelo Projeto Albatroz em parceria com o Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres (CEMAVE) e a R3 Animal, está em constante atualização. Em 2022, o volume de amostras disponíveis para consulta aumentou 57,5%, se aproximando das dez mil amostras.

No total, há 9.989 materiais de 39 espécies diferentes catalogados no diretório do BAAP, entre sangue, órgãos, gônadas, ossos, cultura bacteriana, parasitas, pele, penas e diversos outros tecidos. Para solicitar o acesso às amostras, é necessário preencher um formulário no site.

Segundo a consultora técnica do Projeto Albatroz em Florianópolis (SC) e responsável pelo BAAP, Alice Pereira, as novas amostras são obtidas principalmente pela parceria com instituições ligadas ao Programa de Monitoramento de Praias (PMP), além de organizações que atuam no resgate e reabilitação de aves marinhas de diversas regiões do Brasil. Ela explica que a adição de novas amostras faz parte do objetivo do BAAP de obter um volume

cada vez maior de amostras catalogadas para facilitar o acesso dos pesquisadores brasileiros à informações que contribuam com suas pesquisas sobre a conservação dessas aves oceânicas que vivem tão longe da costa.

Como utilizar as amostras do BAAP?

As amostras biológicas catalogadas pelo BAAP estão disponíveis para pesquisadores que desejem analisá-las, compará-las e listá-las em seus estudos científicos. Após preencher o formulário de interesse em amostras no site, o projeto de pesquisa e justificativa é avaliado por consultores através do sistema de revisão por pares (peer review) do BAAP.

Caso seja deferido, o pedido do pesquisador será encaminhado ao coletor das amostras para autorização de sua cessão. Caso as amostras não estejam em posse do BAAP fisicamente, mas sim mantidas junto ao coletor, a gestão do BAAP intermediará o contato entre o pesquisador e a instituição em que a amostra está armazenada para que sigam o processo de cessão dos itens solicitados.

Como contribuir para o acervo do BAAP?

Pesquisadores interessados em cadastrar suas amostras no site podem entrar em contato pelo e-mail baap@projetoalbatroz.org.br. Para que novas amostras sejam adicionadas ao diretório do BAAP é necessário que a coleta da amostra siga padrões definidos pelo próprio banco, detalhados no portal, e que sejam enviados dados específicos, conforme o protocolo de coleta disponibilizado no site do Projeto Albatroz.

SITE: baap.org.br



MUDANÇAS CLIMÁTICAS: COMO OS EFEITOS NO CLIMA AFETAM OS ALBATROZES E PETRÉIS?

Alterações nos padrões reprodutivos, menor disponibilidade de alimentos e degradação de áreas de ninhais colocam a sobrevivência deste grupo de aves em risco

Que antes parecia um assunto distante, o efeito das mudanças climáticas está cada vez mais presente na vida dos brasileiros: chuvas em níveis alarmantes, deslizamentos de terra e alagamentos, secas, queimadas, aumento do nível do mar decorrente do degelo glacial, entre tantos outros. Assim como os seres humanos, albatrozes e petréis têm sua sobrevivência ameaçada pelas mudanças climáticas em vários níveis, desde a alteração na distribuição e a disponibilidade de alimento por conta do aumento da temperatura do oceano até a destruição de ovos e ninhos em locais de reprodução.

De acordo com o gerente de pesquisa científica do Projeto Albatroz, Caio Azevedo Marques, esse grupo de aves é especialmente vulnerável por conta de suas características reprodutivas. “Os albatrozes têm grande longevidade, maturidade sexual tardia e baixa taxa de reprodução”, explica.

“Eles começam a se reproduzir por volta dos cinco anos e colocam um único ovo por ano, no caso das espécies menores, e por volta dos dez anos, com uma única postura de ovo a cada dois anos entre as espécies maiores. Por esses motivos, fatores de desequilíbrio ambiental impactam na sua capacidade de gerar e criar filhotes”.

Alterações de temperatura

No Hemisfério Sul, onde há mais de 20 espécies de albatrozes e petréis, o aumento das temperaturas também causa prejuízos. Um exemplo disso é uma pesquisa publicada pela revista Royal Society em novembro de 2021. Intitulada “Variabilidade ambiental afeta diretamente a prevalência de divórcio em albatrozes monogâmicos”, ela sugere que o aquecimento dos mares está aumentando as taxas de ‘divórcio’ entre casais de albatrozes-de-sobrancelha-negra (*Thalassarche melanophris*),



espécie que se reproduz em ilhas como as Malvinas/Falklands e se alimentam em águas brasileiras.

Embora esse grupo de aves seja considerado monogâmico, “separações” acontecem devido ao fracasso reprodutivo. Cada fêmea coloca um único ovo por temporada reprodutiva e, segundo o estudo, as aves cujos ovos não eclodiram tinham cinco vezes mais probabilidade de se separar de seus parceiros do que aquelas que obtiveram sucesso. Em alguns anos, a taxa de divórcio era inferior a 1%. Mas com as alterações climáticas dos últimos anos, esse número cresceu para 8%.

A pesquisa também chama atenção para outro fator importante: conforme o oceano aquece acima do normal, menos peixes ficam disponíveis para alimentação, fazendo com que as aves precisem viajar distâncias ainda maiores para buscar alimento, às vezes inviabilizando uma reprodução bem sucedida. Circunstâncias como essas aumentam o estresse entre os albatrozes, que acabam se separando pela dificuldade de gerar filhotes com sucesso.

Degradação de ninhais

As ilhas remotas onde os albatrozes e petréis se reproduzem têm pouca ou nenhuma atividade humana, porém os efeitos da crise no clima colocam em xeque as futuras gerações deste grupo de aves. Um exemplo disso são duas espécies de albatrozes que se reproduzem no Oceano Pacífico Norte: o albatroz-de-pés-negros (*Phoebastria nigripes*) e o albatroz-de-laysan (*Phoebastria immutabilis*). As duas espécies são consideradas quase ameaçadas de extinção pela Lista Vermelha da IUCN e têm suas colônias reprodutivas localizadas em atóis próximos às ilhas havaianas do noroeste dos Estados Unidos.

Esses atóis - e as aves marinhas que vivem neles - vivem sob o risco do aumento do nível do mar e na frequência e intensidade de tempestades graves, que resultam em inundações e fortes ondas, são considerados uma consequência direta das mudanças climáticas. Segundo informações do Acordo para a Conservação de Albatrozes e Petréis (ACAP), as inundações e tempestades já

fizeram ao menos uma pequena ilha desaparecer no mar, acabando com locais de reprodução para centenas de casais de albatrozes; em outras partes da cadeia de ilhas americanas, como no Atol de Midway, fortes chuvas já causaram inundações de ninhos de albatrozes e perda de filhotes perto da costa.

Com a diminuição de locais reprodutivos e a destruição de ovos, a população de albatrozes dessas espécies entra em declínio, uma vez que os casais colocam apenas um ovo por temporada reprodutiva, o que pode acontecer a cada um ou dois anos. Impactos como esses são observados todos os anos e se tornam ainda mais preocupantes para a manutenção da espécie quando são levadas em consideração outras ameaças enfrentadas por essas aves, como a captura incidental pela pesca, a ingestão de lixo plástico, etc.

Como resolver?

Tendo em vista que os efeitos das mudanças climáticas são causados pela ação humana sobre o meio ambiente, as soluções também devem partir da sociedade. Tudo começa com o estabelecimento de pesquisas e estudos que podem ajudar a fomentar políticas públicas, acordos internacionais e gerar mobilização social em torno de ações para diminuir comportamentos e atividades que interfiram no equilíbrio climático. Autoridades governamentais e empresas também têm o papel de potencializar essas ações para que, juntos, sejamos capazes de construir um futuro mais seguro e saudável para as próximas gerações de seres humanos e animais de todas as espécies.

Organizações não governamentais também contribuem para reverter esse quadro. A partir de ações de educação ambiental para diversos públicos, mas principalmente para a primeira infância, instituições como o Projeto Albatroz sensibilizam sobre a existência das aves oceânicas, as ameaças a que estão submetidas e o papel da sociedade na conservação do oceano e da natureza. Dessa forma, é possível multiplicar aprendizados, trocar experiências e inspirar as pessoas para que defendam o equilíbrio do planeta.



PROJETO ALBATROZ

POLÍTICAS PÚBLICAS

Plano de Ação Nacional para a Conservação de Albatrozes e Petréis (Planacap)

O Plano de Ação Nacional para a Conservação de Albatrozes e Petréis foi elaborado em 2006 e, desde então, já passou por dois ciclos completos de gestão, o primeiro entre 2006 e 2011, e o segundo entre 2012 e 2017. Atualmente em seu quarto ciclo, o Planacap contempla sete espécies de albatrozes e petréis ameaçadas de extinção segundo a Portaria MMA nº 444/2014, além de outras cinco contempladas no Acordo para a Conservação de Albatrozes e Petréis, da Convenção sobre Espécies Migratórias - ACAP/CMS.

O Planacap é no Brasil a referência em nosso país para a implementação do Acordo Internacional para a Conservação de Albatrozes e Petréis (ACAP), que conta com a participação de 13 países e busca conservar albatrozes e petréis, coordenando atividades internacionais para mitigar ameaças às populações destas aves migratórias. O ACAP foi ratificado e entrou em vigor no Brasil em 2008 e é um acordo no âmbito da Convenção sobre a Conservação das Espécies Migratórias de Animais Silvestres – CMS da Organização das Nações Unidas (ONU).

MONITORIA DO PLANACAP CHAMA ATENÇÃO PARA COLETA DE DADOS E GRIPE AVIÁRIA

Encontro em Florianópolis (SC) encerrou o quarto ciclo do plano, com discussões importantes sobre o futuro da conservação de albatrozes no Brasil

A reunião de monitoria do Plano Nacional para a Conservação de Albatrozes e Petréis (PLANACAP) que encerrou o quarto ciclo do plano foi realizada entre os dias 26 e 30 de junho em Florianópolis (SC). Durante o evento, que contou com representantes de setores do poder público e entidades do terceiro setor, foi analisado o andamento das ações previstas no PLANACAP e a avaliação final da execução de cada uma delas. O Projeto Albatroz é coordenador executivo do plano, e contribuiu com



dados, análises e resultados sobre o panorama da conservação dessas aves marinhas no país.

De forma geral, o PLANACAP é composto por ações de caráter científico, educativo e de políticas públicas voltadas à sensibilização do público,

desenvolvimento de pesquisas e medidas de conservação para a pesca e métodos de avaliação de seu cumprimento. Do total de 44 ações listadas no terceiro ciclo do PLANACAP, 59% foram concluídas, 23% iniciadas e não concluídas e somente 18% não foram iniciadas, indicando uma boa execução do plano no período avaliado.

Durante a reunião, foram discutidos temas de importância global para a conservação dessas espécies ameaçadas, como a necessidade de coleta, padronização e atualização de dados de captura das aves no Brasil, para subsidiar estratégias de conservação mais assertivas e orientar as tomadas de decisão do Acordo para a Conservação de Albatrozes e Petréis (ACAP).

Um tema pautado na reunião internacional do ACAP e repercutido no encontro do PLANACAP foi a crise mundial no uso de medidas mitigadoras da captura de albatrozes e petréis. De acordo com a Instrução Normativa Interministerial (INI) 07/14, todos os barcos de pesca autorizados a operar em mar territorial, Zona Econômica Exclusiva e águas internacionais, ao sul de 20° S, com as modalidades de espindel de superfície, devem utilizar três medidas simultaneamente: o torilne, a largada noturna dos anzóis e o uso de regime de peso nas linhas. Com as três medidas, é possível praticamente zerar as taxas de captura. Porém, não há como monitorar se as medidas estão sendo realmente empregadas nos barcos de pesca.

Por esse motivo, o IBAMA, em parceria com o ICMBio, apresentou uma ferramenta desenvolvida para a fiscalização do cumprimento da largada noturna dos anzóis em alto-mar. Ela está sendo testada e tem o potencial de contribuir para a redução da captura incidental de aves em parceria com o setor pesqueiro nacional.

O grupo de pesquisadores e especialistas também abordou a emergência zoonosológica da influenza aviária, que coloca principalmente aves silvestres migratórias em risco. Os albatrozes e petréis, por serem aves que passam a maior parte da vida em alto-mar e se encontram com os pares reprodutivos em grandes colônias, estão especialmente vulneráveis a vírus de alta patogenicidade como o H5N1.

De acordo com Tatiana Neves, coordenadora geral do Projeto Albatroz, o objetivo é que nos próximos ciclos, o PLANACAP possa reunir uma diversidade de vozes importantes para a conservação das aves. “A minha expectativa para o futuro próximo é que possamos trazer outros atores para essa discussão, principalmente o setor pesqueiro, tanto os armadores de pesca quanto os próprios pescadores. Dessa forma, poderemos escutar o que eles têm a dizer e proporcionar a compreensão de como as coisas funcionam. Afinal, muitas discussões feitas no âmbito do PLANACAP dizem respeito à pesca.”



ACORDO PARA A CONSERVAÇÃO DE ALBATROZES E PETRÉIS (ACAP)

O Acordo para a Conservação de Albatrozes e Petréis (ACAP) reúne 13 países cujos mares territoriais são utilizados por albatrozes e petréis para a alimentação, migração ou reprodução, principalmente no Hemisfério Sul. Atualmente, também são signatários do acordo: Argentina, Austrália, África do Sul, Chile, Espanha, Equador, França, Nova Zelândia, Noruega, Peru, Reino Unido e Uruguai.

O ACAP tem o intuito de coordenar os esforços dos países signatários e estabelecer metas para a conservação destas aves. Em 2008, o Governo Federal ratificou a adesão do Brasil ao acordo. A entrada do país no ACAP é estratégica devido à alta incidência de capturas em nosso mar territorial. Estima-se que até 4 mil albatrozes e petréis morram incidentalmente todos os anos fígados pelos anzóis das pescarias de espinhel somente no Brasil.

O Acordo estabelece diretrizes multilaterais para proteger estas aves ao redor do mundo. Em linhas gerais, ele propõe a troca de dados e resultados de pesquisas sobre a ocorrência de albatrozes e petréis nos países participantes, a criação de planos de ajuda mútua entre as nações, além de recomendar práticas e usos de medidas que visem diminuir a captura incidental de aves marinhas.

SITE: www.acap.aq



CRISE NO USO DE MEDIDAS MITIGADORAS, INFLUENZA AVIÁRIA E INGESTÃO DE MICROPLÁSTICO SÃO DISCUTIDAS EM REUNIÃO DO ACAP, NA ESCÓCIA

Delegação brasileira apresentou pesquisas, participou de workshops e discutiu estratégias de conservação para os albatrozes e petréis durante o AC13

A 13ª Reunião do Comitê Assessor (AC13) aconteceu entre os dias 23 e 26 de maio em Edimburgo, na Escócia, e contou com a participação de pesquisadores do Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras, representantes do Ministério do Meio Ambiente e o analista ambiental do CEMAVE/ICMBio, Andrei Roos, representante do Plano Nacional para a Conservação de Albatrozes e Petréis (Planacap).

Semanas antes do início do AC13, os pesquisadores se reuniram para um workshop e se organizaram em dois grupos de trabalho que analisam pesquisas, resultados de estudos e propostas de ações para melhoria da conservação. No Grupo de Trabalho de Captura Incidental de Aves Marinhas - que estuda as diferentes modalidades de pesca que interagem com albatrozes e petréis, como são essas interações e como minimizar os efeitos desta atividade sobre as aves - o Projeto Albatroz

apresentou a pesquisa 'Interações de aves marinhas com a pesca de pequena escala de linha e anzol no sudeste brasileiro: dinâmica da frota e taxas de captura incidental', liderada pelo pesquisador Gabriel Canani Sampaio.

O Grupo de Trabalho de Populações e Status de Conservação faz a análise de estudos sobre as tendências populacionais das aves, além de discutir outras ameaças a que albatrozes e petréis estão sujeitos. Neste grupo de trabalho, a médica veterinária do CEMAVE/ICMBio e colaboradora do Projeto Albatroz Patrícia Pereira Serafini apresentou a pesquisa 'Rede colaborativa para avaliar a ingestão de plástico e exposição a aditivos químicos em albatrozes e petréis ao largo da costa do Argentina e Brasil'. O estudo busca provar os efeitos menos visíveis do lixo plástico na vida selvagem, como a toxicidade derivada dos materiais.

Destaques da reunião

De acordo com a fundadora e coordenadora geral do Projeto Albatroz, Tatiana Neves, um dos resultados mais importantes da reunião deste ano foi o consenso de que existe uma crise no cumprimento do uso das medidas de mitigação da captura incidental em todo o mundo. Mesmo após décadas de pesquisa e desenvolvimento de medidas eficazes, de baixo custo e com o mínimo de interferência na atividade pesqueira, criação de leis e políticas públicas, ainda não é possível ter certeza de que estão sendo utilizadas. "Para resolver essa questão do cumprimento, foi criada uma ação dentro do ACAP em que serão feitos estudos e levantamentos de quais pescarias potencialmente interagem com as aves, para reconhecimento do tamanho da captura incidental e a criação de soluções para que tais medidas sejam, de fato, cumpridas pelo setor pesqueiro", explica.

Assunto de grande importância para a fauna marinha, a gripe aviária transmitida pelo vírus H5N1, considerada uma emergência zoonótica pelo Ministério da Agricultura, também foi discutida pelos participantes. Considerado um vírus de alta

patogenicidade, com o potencial de ameaçar aves silvestres, foi criado um grupo de especialistas dentro do ACAP para tratar da contaminação em albatrozes e petréis, liderado pela médica veterinária do CEMAVE/ICMBio, colaboradora do Projeto Albatroz e co-coordenadora do Grupo de Populações e Estado de Conservação, Patrícia Pereira Serafini.

"Há poucos registros em albatrozes e petréis, principalmente porque são aves que raramente chegam à costa,

porém a influenza aviária pode dizimar colônias inteiras de aves, se não forem tomadas as medidas necessárias. Como os albatrozes são aves sensíveis a fatores externos, o ACAP já está agindo para conter essa ameaça global", afirmou Tatiana Neves.

13ª Reunião do Comitê Assessor

A reunião do AC13 teve o objetivo de analisar os relatórios apresentados pelos grupos de trabalho do ACAP, compilar todas as discussões e aprovar os principais planos de trabalho para os próximos anos.

"Estar nas reuniões do AC13 é ter a certeza de fazer parte da mais alta instância para a conservação de albatrozes e petréis no mundo. O Brasil é um *hotspot* de aves marinhas, e vem trabalhando para reduzir as capturas incidentais. Por isso, temos orgulho de ver tantos brasileiros discutindo estratégias de conservação, aportando dados e apresentando pesquisas que depois aprimoram as ações de conservação dessas aves no país, realizadas em parceria com o poder público, pescadores e empresas pesqueiras", explica.

Durante o evento, Tatiana Neves foi eleita para mais um mandato de três anos como vice-presidente do Comitê Assessor do ACAP. Além disso, outros representantes brasileiros também foram reeleitos para cargos dentro dos grupos de trabalho: Patrícia Pereira Serafini foi reeleita co-coordenadora do Grupo de Populações e Estado de Conservação (PaCSWG) e Dimas Gianuca foi reeleito vice-coordenador do Grupo de Trabalho de Capturas Acidentais (SBWG).

A influenza aviária pode dizimar colônias inteiras de aves.

WISDOM, A ALBATROZ MAIS LONGEVA JÁ REGISTRADA, RETORNA A MIDWAY PARA MAIS UMA TEMPORADA DE REPRODUÇÃO

A albatroz-de-Laysan tem mais de 70 anos. Espécie é uma das mais afetadas pela poluição do oceano e pelo lixo plástico

Para os pesquisadores baseados no Atol de Midway, no Hemisfério Norte, o mês de novembro marca uma espera repleta de esperança: o retorno de Wisdom, a albatroz-de-Laysan (*Phoebastria immutabilis*) anilhada há 71 anos, considerada a ave selvagem mais longeva de que se tem registros, ao atol localizado no Oceano Pacífico.

Por décadas, Wisdom retorna ao mesmo local, ano após ano, para encontrar seu parceiro reprodutivo e botar um único ovo. Albatrozes são, no termo técnico, filopátricos, o que significa que voltam sempre ao local em que nasceram para realizar sua reprodução. Durante a vida, Wisdom já produziu mais de 50 ovos, com mais de 30 deles bem sucedidos. É bem provável que muitos de seus filhotes estejam hoje na mesma ilha reproduzindo e dando continuidade à espécie.

De acordo com o gerente de pesquisa científica do Projeto Albatroz, Caio Azevedo Marques, embora os albatrozes-de-Laysan possam se reproduzir todos os anos, isso nem sempre é possível para aves com idade bastante avançada.



Foto: USFWS/ Keegan Rankin

“Existem vários fatores que podem levar casais a não se reproduzirem todos os anos, como a falta de parceiros na ilha, falta de acesso a alimentos em abundância, condições climáticas desfavoráveis, ou até mesmo a idade avançada”, explica. “Enquanto comunidade científica, ainda estamos compreendendo a senescência dos albatrozes”.

Para Gabriel Canani Sampaio, pesquisador do Projeto Albatroz, a longevidade surpreendente de aves como a Wisdom é fruto de uma estratégia de vida comum em aves marinhas e em outros predadores de topo de cadeia, chamada de “estratégia K”. “Essa estratégia é caracterizada por um gasto de energia intenso focado na sobrevivência de poucos filhotes. Os animais que apresentam esse tipo de ciclo de vida tendem a ter crescimento lento, vidas longas e baixa fecundidade. No contexto evolutivo, essa foi a maneira de garantir a sobrevivência de filhotes fortes, na ausência de predadores”, detalha. “Atualmente, isso coloca os animais numa posição de baixa resiliência, de forma que impactos nas suas populações podem demorar muito tempo para serem recuperados.”



EDUCAÇÃO AMBIENTAL



MUITO ALÉM DA DIVERSÃO: OFICINAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PROMOVEM O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Entre as atividades do Projeto Albatroz com a primeira infância estão a Oficina de Ninho de Albatroz, a Montagem de quebra-cabeça Albatroz 3D e o Programa Albatroz na Escola

Na primeira infância, as crianças são receptivas a novas informações e experiências, e podem ser sensibilizadas de forma lúdica e criativa sobre a importância do oceano e a necessidade de protegê-lo. O Projeto Albatroz tem na educação ambiental uma de suas principais

estratégias de sensibilização, e se destaca na criação de atividades e oficinas sensoriais que estimulam a curiosidade e o conhecimento sobre o oceano enquanto ajudam a desenvolver habilidades motoras, cognitivas e sensoriais das crianças.

As atividades de educação ambiental sensoriais são uma abordagem pedagógica que permite que as crianças experimentem, descubram e explorem os diferentes sentidos e aspectos do mundo ao seu redor, de forma lúdica e criativa. Quando aplicados no contexto da Década do Oceano, são importantes para promover uma conexão emocional com o oceano e contribuir para o desenvolvimento integral das crianças na primeira infância.

As atividades voltadas à primeira infância têm o potencial de gerar um impacto positivo em suas famílias e nas comunidades onde vivem, onde as crianças desempenham um papel central e atuam como amplificadores das mensagens de conservação, promovendo mudanças de comportamento e incentivando a adoção de práticas mais sustentáveis.

Interações manuais e construções de conceitos

Uma das atividades oferecidas à primeira infância é a Oficina de Ninho dos Albatrozes, em que as crianças constroem ninhos de argila com filhotes feitos de algodão que irão compor um ninhal junto aos outros colegas. Ao interagirem com os ninhos, as crianças aprendem sobre as espécies de albatrozes, suas características, os aspectos reprodutivos

e as relações ecológicas que ocorrem nos ninhais, além de desenvolver habilidades motoras finas, estimular a criatividade e a imaginação, e aprender sobre a importância da conservação marinha.

Outra atividade manual e sensorial desenvolvida pela equipe é a montagem do quebra-cabeça Albatroz 3D, que estimula o desenvolvimento de habilidades motoras e do pensamento lógico e, quando alinhadas a outras atividades lúdicas, pode trabalhar a criatividade e a capacidade de resolução de problemas.

A coordenadora de educação ambiental do Projeto Albatroz, Cynthia Ranieri, destaca que os

experimentos sensoriais sempre são levados em conta na criação de novas oficinas voltadas à primeira infância. “Essas atividades sensoriais podem ajudar no desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e sociais, que são importantes para o desenvolvimento integral das crianças, além de estimularem sua curiosidade e a aprendizagem sobre o mundo ao redor”, explica.

“Ao experimentar diferentes materiais, texturas e sons relacionados ao oceano, as crianças podem desenvolver uma compreensão mais profunda e vívida dos ecossistemas marinhos, criar conexões emocionais com esses ambientes e criar interesse no assunto”, finaliza.



PROJETO ALBATROZ ENVOLVE 150 CRIANÇAS EM ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO INSTITUTO ARTE NO DIQUE

É necessário conhecer para se sensibilizar e conservar. Partindo desse princípio que norteia as ações de educação ambiental, o Projeto Albatroz promoveu um dia de gincanas, brincadeiras e oficinas com a temática oceânica para as crianças do Instituto Arte no Dique, localizado na Zona Noroeste de Santos (SP). O evento

integrou a programação da Semana Cultural da Primavera e contou com a participação de 150 crianças na faixa etária da primeira infância.

As atividades começaram com uma palestra da equipe de educação ambiental sobre os albatrozes, sua biologia e o oceano, ecossistema onde



passam a maior parte da vida voando, até a hora de retornarem às ilhas para encontrar seu parceiro e se reproduzir. Buscando escutar as crianças e tirar dúvidas sobre essas aves marinhas, os educadores também provocaram reflexões sobre o papel de cada um na conservação do oceano e de toda a biodiversidade a partir de ações simples, como diminuir o consumo de plástico e descartar corretamente os resíduos.

Crianças como agentes de mudança na conservação

Para a coordenadora de educação ambiental do Projeto Albatroz, Cynthia Ranieri, a parceria com o Instituto Arte no Dique permite apresentar para as crianças a biodiversidade marinha e encantá-las com as curiosidades sobre os albatrozes. “Esta etapa da vida é muito importante para a sensibilização sobre a conservação ambiental, pois as experiências vividas na primeira infância ajudam a moldar sua forma de aprender, compartilhar e de ver o mundo”, explica.

Produtor cultural do Instituto Arte no Dique, Felipe Seguro afirma que a parceria com o Projeto Albatroz para a realização de atividades de educação ambiental já tem dez anos e que é essencial para

a formação das crianças atendidas pela instituição, que promove ações culturais, educativas e de esportes para moradores do Dique da Vila Gilda. “Com as dinâmicas, as crianças começam a ter contato com o ecossistema marinho e com temas relacionados a ele, como a poluição por lixo. Com isso, elas entendem o impacto que um resíduo jogado no rio quando chega na praia, colocando em risco os animais, e multiplicam essa informação dentro de casa para suas famílias”.





linha do tempo detalhada, os principais pontos históricos da trajetória de 33 anos do Projeto Albatroz, desde a criação da instituição e o início do monitoramento de barcos de pesca em Santos (SP), no início da década de 90, até a inauguração do Centro de Visitação e Educação Ambiental Marinha, em Cabo Frio (RJ), possível graças ao patrocínio que começou em 2006.

Eles também deram detalhes sobre a problemática da captura incidental, uma das principais ameaças às espécies de albatrozes e petréis, levando metade das 22 existentes, a algum nível de perigo de extinção. Foi abordada a história da criação do Torilne brasileiro em 2001, medida mitigadora desenvolvida pelo pescador Zé Ventura e aperfeiçoada pelo Projeto Albatroz, com baixo custo e alto percentual de eficácia.

MAIS DE CEM COLABORADORES DA PETROBRAS EM MACAÉ (RJ) PARTICIPAM DE APRESENTAÇÃO DO PROJETO ALBATROZ

Evento aconteceu na sede da empresa e envolveu apresentações de conceitos e resultados para executivos da companhia

Um dos principais desafios na conservação marinha, especialmente de animais que vivem longe da costa, como os albatrozes e os petréis, é sensibilizar o público sobre as ameaças a que estão sujeitos em alto mar. Para isso, os educadores do Projeto Albatroz realizam atividades de educação ambiental guiados pela máxima de que só é possível proteger aquilo que se conhece. Com isso em mente, eles tiveram um dia de apresentações e interações com mais de cem funcionários da Petrobras de Macaé (RJ), em setembro, para introduzi-los na temática da conservação marinha e da cultura oceânica.

O evento começou com a palestra “Transformando o oceano, garantindo o futuro”, liderada pelos educadores ambientais Thaís Lopes e Yago Ferreira. Eles apresentaram, por meio de uma



“Para nós, educadores ambientais, é importante aproximar mais um público da realidade que vivem os albatrozes e petréis, além de sensibilizar sobre sua conservação. Poder fazer isso com trabalhadores da Petrobras é ainda mais especial, é uma forma de agradecê-los pela parceria de tantos anos e envolvê-los na conservação da biodiversidade marinha também”, explica Yago Ferreira, educador ambiental do Projeto Albatroz. “Podemos conversar, trocar experiências e tirar dúvidas sobre essas aves tão mágicas, que agora também fazem parte do repertório deles. Sem dúvidas, juntos somos mais fortes”.



PROJETO ALBATROZ MARCA PRESENÇA NA ETAPA SAQUAREMA DA LIGA MUNDIAL DE SURFE

Evento também teve atividades do Projeto Meros do Brasil, Programa Bandeira Azul e outras instituições parceiras

Considerado o maior palco do surf na América Latina, a Praia de Itaúna, em Saquarema (RJ), recebeu entre os dias 24 e 30 de abril a terceira edição do Saquarema Surf Festival, a etapa brasileira da Liga Mundial de Surf (World Surf League), que classifica os atletas das categorias QS 5000, Longboard e Pro Junior para disputar o título mundial nas próximas etapas internacionais. O Projeto Albatroz esteve presente para sensibilizar os visitantes, atletas e público apaixonado pelo esporte sobre a conservação do oceano e de sua biodiversidade, por meio de atividades de educação ambiental voltadas às crianças e adultos durante o fim de semana.

Para isso, o projeto contou com o Espaço Albatroz, uma tenda com oficinas e dinâmicas que teve a participação de educadores ambientais, integrantes do Coletivo Jovem Albatroz, funcionários da Petrobras e voluntários da Região dos Lagos. O objetivo das ações foi informar sobre a existência



dos albatrozes e petréis, explicar a problemática da captura incidental pela pesca, contextualizar a questão do lixo plástico no oceano e provocar reflexões sobre o papel individual na conservação da biodiversidade marinha.

Além disso, o Espaço Albatroz também contou com a presença da surfista Sophia Medina, atleta Petrobras engajada na conservação marinha que ficou em segundo lugar na categoria QS 5000.

Para a gerente de educação ambiental do Projeto Albatroz, Cynthia Ranieri, o evento é uma oportunidade de valorizar o papel do esporte na sensibilização e conservação marinha. “Estamos na Década do Oceano e sabemos a importância afetiva, cultural e física que esse ecossistema tem na vida dos atletas profissionais do surf. Nosso objetivo foi aproveitar a competição para disseminar conhecimentos e reflexões sobre o oceano e o papel de cada um de nós na missão de protegê-lo e conservá-lo”.



NO DIA MUNDIAL DE LIMPEZA DE RIOS E PRAIAS, PROJETO ALBATROZ PARTICIPA DE COLETA DE MAIS DE UMA TONELADA DE RESÍDUOS

Atividades aconteceram nas cidades de Santos (SP) e Cabo Frio (RJ) em parceria com instituições locais

Segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 13 milhões de toneladas de resíduos plásticos acabam no oceano todos os anos devido à ação humana, contribuindo para a mortandade de espécies de animais já ameaçadas de extinção, poluindo a água com metais pesados e substâncias tóxicas, e diminuindo a capacidade do oceano de absorver o gás carbônico e devolver o oxigênio para a atmosfera, funcionando como o principal pulmão do planeta.

Para sensibilizar as pessoas sobre os efeitos do consumo desenfreado e o descarte irregular de materiais plásticos, o Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras, se uniu a dezenas de parceiros para participar de mais uma edição do Dia Mundial de Limpeza de Rios e Praias, no dia 16 de setembro. Este ano, as equipes marcaram presença nas cidades de Santos (SP) e Cabo Frio (RJ).

Em Santos (SP), na Baixada Santista, o evento organizado pelo Instituto Mar Azul (IMA) e a Secretaria de Meio Ambiente aconteceu na Praia do Gonzaga e contou com a participação de mais de mil voluntários de empresas, universidades, instituições de

conservação, escolas e academias. Em pouco mais de três horas, os voluntários recolheram 94 kg de resíduos variados. No total, foram 12.566 unidades de plásticos diversos, 9.101 bitucas de cigarros, 3.777 pedaços de isopor, 914 metais diversos, além de 2.851 unidades de outros resíduos que foram encaminhados para os serviços de descarte responsável e reciclagem do município.

Durante o evento, diversas organizações voltadas à conservação do oceano e de sua biodiversidade, incluindo o Projeto Albatroz, montaram tendas com atividades de educação ambiental e informações sobre o impacto do lixo plástico nesse ecossistema.

Região dos Lagos

Já em Cabo Frio (RJ), o Projeto Albatroz foi convidado a integrar uma grande rede de ações para o Dia Mundial de Limpeza de Rios e Praias, organizada pelo Projeto Mar Sem Lixo e pela Prefeitura de Cabo Frio. Com cerca de 450 voluntários, as atividades se espalharam por praias e pontos turísticos da cidade com o objetivo de coletar materiais antes que chegassem ao oceano, poluindo a água e colocando espécies animais em risco.

Um dos pontos de limpeza foi o Centro de Visitação e Educação Ambiental Marinha do Projeto Albatroz, próximo ao Canal do Itajuru. Por lá, voluntários da instituição, equipe e integrantes do Coletivo Jovem Albatroz fizeram o recolhimento de materiais que chegam às margens do centro, trazidos pela maré. Os educadores ambientais do Projeto Albatroz conversaram com os voluntários sobre o impacto do plástico não apenas no oceano, mas também na vida de aves marinhas como albatrozes e petréis.

“Não conseguimos falar sobre o lixo plástico sem falar do consumo desenfreado de produtos, roupas, embalagens e outros itens que poluem as praias e o oceano”, explica Yago Ferreira, educador ambiental do Projeto Albatroz. “Por isso, levamos os voluntários a refletir sobre o impacto das nossas escolhas pessoais e locais na situação global do oceano. Ao consumir de forma consciente, reciclar, reutilizar, trocar e descartar de forma correta, protegemos a natureza única e diversa da nossa região”.



ESQUELETO DE BALEIA-JUBARTE É FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DO PROJETO ALBATROZ EM CABO FRIO (RJ)

Cetáceo encalhado foi doado pelo Instituto Orca para fins educativos e especialista em osteomontagem preparou o animal

Sm dos principais objetivos com a construção do primeiro Centro de Visitação do Projeto Albatroz é aproximar a biodiversidade marinha dos turistas e moradores da Região dos Lagos, no Rio de Janeiro, como forma de educação ambiental. Entre as ferramentas educativas que compõe o espaço ao lado da Lagoa de Araúama está um esqueleto de uma baleia-jubarte (*Megaptera novaeangliae*), doada ao Projeto Albatroz pelo Instituto Orca, especializado no resgate e manejo de cetáceos.

O animal com mais de 12 metros de comprimento e 25 toneladas foi encontrado encalhado na Praia de Carapebus, no município de Serra



(ES), em agosto de 2022. Por se tratar de uma praia de difícil acesso para máquinas de grande porte, a baleia acabou sendo retirada e desossada quase manualmente, e depois doada ao Projeto Albatroz para fins de educação ambiental em seu centro de visitação.

Para João Marcelo Ramos Nogueira, diretor de projetos do Instituto Orca, apesar da complexidade da ação para retirar e transportar a baleia-jubarte até Cabo Frio (RJ), a doação do animal vai cumprir um papel importante para a divulgação de informações sobre o oceano e a sensibilização ambiental. “Nós entendemos que a educação ambiental é hoje uma das principais ferramentas



para contribuir com a solução de um problema ambiental muito importante, relacionado ao oceano. Ficamos muito lisonjeados em poder fazer parte disso”.

Osteomontagem é o nome da técnica que se dedica a dispor os ossos de um determinado animal em sua posição e função original, posicionando o esqueleto em uma posição anatômica, ou seja, igual aquela que a espécie apresentava em vida - aproveitando-a para exposições, estudos e atividades de educação ambiental. O processo de osteomontagem começa logo após o óbito do animal e precisa ser realizado por um profissional especializado.

Desde o momento do desencalhe, a baleia foi assistida pelo biólogo e especialista em osteomontagem Antônio Carlos Amâncio. Segundo ele, há uma lista de etapas obrigatórias que precisam ser seguidas à risca para que a osteomontagem seja bem sucedida.

Ainda na praia, o biólogo fez a retirada dos ossos do animal, com técnica de limpeza específica e transporte até a área do Centro de Visitação. Por lá, a ossada foi enterrada para mais uma fase de decomposição da matéria orgânica, que não pode ser concluída na praia. Meses depois, Amâncio e voluntários da Universidade Veiga de Almeida (UVA), retornaram ao trabalho, desenterrando os ossos e acelerando o processo de decomposição da gordura que envolve o material, lavando e secando todo o esqueleto com uma técnica específica.



Após a higienização completa da ossada, é a hora de clarear todos os ossos para que fiquem esteticamente adequados para exposição ao público. Em seguida, a ossada é restaurada e impermeabilizada, para garantir uma vida útil maior ao material ósseo e permitir que a montagem do esqueleto seja concluída.

“As últimas vértebras caudais da baleia-jubarte precisaram ficar mais tempo em maceração (imersas em água) para decomposição da matéria orgânica, pois são locais com bastante acúmulo de gordura”, explicou o especialista.



Conhecer para conservar

De acordo com a coordenadora de educação ambiental da instituição, Cynthia Ranieri, o esqueleto da baleia-jubarte vai desempenhar um papel-chave na exposição. “Nós acreditamos que a conservação marinha só é possível a partir do engajamento e conhecimento de todos sobre as riquezas do oceano e suas espécies. O esqueleto da baleia-jubarte vai surpreender os visitantes e permitir que se familiarize com a potência desse mamífero marinho que parece tão distante de nós, mas que está mais perto do que imaginamos”.



TRILHAS NO CANAL DO ITAJURU APROXIMAM O PÚBLICO DA BIODIVERSIDADE DA REGIÃO DOS LAGOS

Passeios guiados e organizados pelo Projeto Albatroz permitem conhecer as mais diversas espécies da fauna e flora regionais

O Canal do Itajuru está localizado entre os municípios de Cabo Frio e São Pedro da Aldeia, na Região dos Lagos, ligando a Laguna de Araruama ao Oceano Atlântico. Por ele, passam barcos pesqueiros, pequenas embarcações turísticas e canoas para a prática esportiva. Esse cartão postal é cercado de morros e praias de natureza exuberante, cuja conservação é essencial para a manutenção da biodiversidade. Em fevereiro, o Projeto Albatroz organizou uma trilha com a comunidade para explorar a fauna, flora e arquitetura da região, como ação de educação ambiental.

O grupo saiu do bairro da Ogiva e contornou o Canal do Itajuru, para depois subir o morro que leva ao Farol da Lajinha, presenteando os participantes com uma vista privilegiada da Praia Brava, do costão rochoso e do oceano. O farol foi inaugurado pela Marinha do Brasil em 1913 e está localizado em uma área de rica biodiversidade, onde é possível avistar espécies de animais marinhos em rota de migração, além de aves marinhas que se alimentam na mesma região.

O percurso passou por áreas de manguezais, flora e fauna nativas com ocorrência de espécies endêmicas como o cacto-cabeça-branca (*Pilosocereus ulei*) e o formigueiro-do-litoral (*Formicivora littoralis*). Durante a trilha foram avistadas espécies de aves como atobá (*Sula leucogaster*), colhereiro (*Platalea ajaja*), gaivotão (*Larus dominicanus*), maçarico-de-perna-amarela (*Tringa flavip*), entre outras.

Para Eduardo Pimenta, consultor de assuntos estratégicos do Projeto Albatroz em Cabo Frio, aproximar os moradores da história, da arquitetura e da biodiversidade da Região dos Lagos é importante para valorizar o turismo sustentável. “Muitas das pessoas que participaram da trilha, apesar de morarem na região, desconheciam toda a riqueza que Cabo Frio tem a oferecer”, afirmou. “Durante as trilhas, criamos a oportunidade de promover uma nova conexão com a natureza e suas belezas, sensibilizando sobre a sua conservação”.

De acordo com Thais Lopes, educadora ambiental responsável pelo Coletivo Jovem Albatroz, que também participou da organização da trilha, a interação do público com a fauna e flora locais leva a uma sensibilização sobre a biodiversidade costeira e, conseqüentemente, à conservação desse ambiente. “Ao conservarem as espécies de aves, flores, plantas e outros animais da costa, também contribuem para a conservação de albatrozes e petréis, que se alimentam nas águas da região, além das praias e do oceano, tão especiais na vida de quem mora e visita Cabo Frio”, explicou.



PROGRAMA ALBATROZ NA ESCOLA

O Programa de Educação Ambiental Marinha 'Albatroz na Escola' (PAE) foi criado em 2011 e tem como objetivo sensibilizar professores e alunos para a conservação de Albatrozes e Petréis e dos ecossistemas costeiros e marinhos como um todo, atendendo todos os anos escolares, da Educação Infantil ao Ensino Médio e Educação para Jovens e Adultos/EJA. Nos dez anos de atuação do PAE, mais de 30 mil pessoas foram envolvidas nas ações de educação ambiental, entre elas mais de 2.500 professores das redes pública e privada.



PROGRAMA ALBATROZ NA ESCOLA INSPIRA PROFESSORES DO ESPÍRITO SANTO

Atividades com professores da rede pública e privada apresentaram informações sobre os albatrozes e a conservação marinha

Criado em 2011 para levar informações sobre as aves marinhas e sua conservação para dentro das salas de aula, complementando o currículo escolar, o Programa Albatroz na Escola (PAE), já envolveu mais de 35 mil pessoas em suas ações. O PAE alçou voos maiores em direção ao estado do Espírito Santo, onde realizou atividades de formação com cerca de dez professores das redes pública e privada de ensino, lideradas pelo Projeto Albatroz em parceria com o Baleia Jubarte, ambos patrocinados pela Petrobras.

Os educadores ambientais se reuniram com professores das disciplinas de Ciências e Laboratório da Escola Monteiro Lobato, de Vitória (ES). A equipe do Projeto Albatroz apresentou durante a formação, a biologia e as características dos albatrozes e petréis, explicaram a dinâmica da pesca e os perigos da captura incidental, além de compartilharem curiosidades sobre as aves que

podem ser úteis nas ações realizadas em sala de aula. Eles também apresentaram possibilidades de atividades para envolver os estudantes no contexto da conservação dos ecossistemas marinhos e costeiros.

De acordo com o educador ambiental responsável pelo PAE, Yago Ferreira, durante a formação foi possível alinhar o conteúdo teórico do programa com as atividades práticas que a escola já realiza dentro do seu laboratório. Os educadores compartilharam o desejo coletivo de criar um clube de ciências com alunos e consideraram o PAE uma ferramenta importante para se inspirar na hora de criar um piloto, considerando a interdisciplinaridade do programa. Com isso, os alunos seriam capazes de criar uma intervenção que pudesse ser apresentada aos pais no final do ano letivo.

Parceria para formação continuada

Os educadores ambientais do Projeto Albatroz se reuniram com seis representantes da Secretaria de Educação de Vila Velha (ES) para mais um processo formativo. Durante o encontro, que contou com a participação de representantes da formação continuada, educadores ambientais, além de professores de Ciências e Geografia, eles deram detalhes do funcionamento do PAE, e tiraram dúvidas dos professores sobre a biologia e a conservação das aves.

“Agora que esses professores já passaram por essa formação teórica, sabem como funciona o PAE e têm todas as informações, eles serão capazes de incluir as atividades do nosso programa dentro do planejamento anual das turmas”, explica. “Isso torna mais fácil desenvolver os temas relacionados à conservação marinha, alinhados aos conteúdos que eles já precisam trabalhar em sala de aula”.



COLETIVO JOVEM ALBATROZ

Criado em 2015, o Coletivo Jovem Albatroz é um espaço de formação de jovens lideranças na conservação marinha e costeira de 18 a 29 anos de todo o Brasil. Neste processo educador, os jovens são protagonistas, propondo e realizando projetos de intervenção para a transformação da realidade. Os integrantes do Coletivo realizam diversos cursos, oficinas e visitas técnicas; participam ativamente de reuniões de órgãos colegiados para criação de políticas públicas; e marcam presença em eventos ligados à Juventude e Meio Ambiente, apresentando suas experiências.



COLETIVO JOVEM ALBATROZ MARCA PRESENÇA NA RETOMADA DAS REUNIÕES DA REDE DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DA BAIXADA SANTISTA

Evento em São Vicente (SP) traçou rumos para as próximas atividades da rede com o objetivo de construir políticas públicas na Região Metropolitana

O Projeto Albatroz e o Coletivo Jovem Albatroz (CJA) participaram do evento de retomada das reuniões presenciais da Rede de Educação Ambiental da Baixada Santista (REABS), ao lado de instituições parceiras que contribuem

para a construção de uma cultura de sociedade sustentável, visando à melhoria da qualidade de vida e conservação ambiental local. O encontro aconteceu no Parque Estadual Xixová-Japuí, localizado entre as cidades de São Vicente (SP) e Praia Grande (SP).

Durante o dia de atividades, que contou com dinâmicas de integração, rodas de conversa e passeios pela área do parque, os participantes avaliaram as últimas ações da REABS desenvolvidas remotamente por causa da pandemia e traçaram rumos para as próximas atividades da rede, com o objetivo de mapear e construir políticas públicas de educação ambiental para a região metropolitana.

Quatro jovens do Coletivo Jovem Albatroz participaram do encontro: Arianne Fonseca, Cauã Petrechem, Jéssica Paixão e Rodrigo Passos. Na opinião da educadora ambiental responsável pelo CJA, Thaís Lopes, com a participação dos integrantes do coletivo nesta retomada de atividades, é garantida a voz da juventude dentro dos espaços de debates e tomadas de decisão da educação ambiental do território onde os jovens vivem, ampliando seus conhecimentos e possibilidades profissionais dentro da conservação costeira e marinha.

“Neste primeiro encontro, eles puderam aprender mais sobre o trabalho em rede e conhecer parceiros que podem ser estratégicos nas futuras ações do CJA, abrindo um leque de possibilidades”, ressaltou. “A partir das próximas reuniões, marcadas para março, após a temporada de verão, eles poderão se envolver diretamente nas frentes de trabalho que serão estabelecidas pela REABS e se engajar nas políticas públicas de educação ambiental das cidades onde vivem”.



Foto: Áthila Bertoncini/Projeto Meros do Brasil

COLETIVOS JOVENS DA REDE BIOMAR DIVULGAM MANIFESTO PARA A INVENÇÃO DO MUNDO QUE DESEJAM

Texto foi elaborado de forma conjunta pelos mais de 60 jovens envolvidos no evento, que aconteceu em Caravelas (BA)

Na primeira edição presencial pós pandemia, o V Encontro Jovem Mar teve como tema “Territorialidade, Ciência Oceânica e Cultura Popular: os coletivos jovens e a invenção do mundo”, com a proposta de envolver e mobilizar participantes em atividades para reforçar o potencial dos jovens na construção da sua própria visão de futuro e promover a valorização da diversidade cultural para o desenvolvimento sustentável. O encontro ocorrido em setembro do ano passado, na cidade de Caravelas (BA) resultou na construção de um manifesto jovem

com as principais reflexões e aprendizados do evento, assim como, os próximos passos da juventude organizada.

O V Encontro Jovem Mar reuniu mais de 60 pessoas integrantes dos coletivos jovens de conservação marinha ligados aos projetos que compõem a Rede Biomar - Albatroz, Baleia Jubarte, Coral Vivo, Golfinho Rotador e Meros do Brasil -, todos patrocinados pela Petrobras. A quinta edição do evento foi organizada pelos projetos Albatroz e Meros do Brasil.

O texto do manifesto será divulgado pelos coletivos jovens envolvidos no evento com outras iniciativas de liderança juvenil pelo meio ambiente, com o objetivo de compartilhar suas experiências e engajar mais grupos a agirem em prol de temas como conservação do oceano, manutenção da biodiversidade, mudanças climáticas e valorização da cultura popular. Além disso, o texto foi adaptado para uma arte digital em formato de infográfico, para que possa ser compartilhado com um número ainda maior de pessoas.

De acordo com a educadora ambiental responsável pelo Coletivo Jovem Albatroz, Thais Lopes, a criação de um manifesto em conjunto é uma ação importante para que os jovens tenham o poder de sintetizar suas ideias e compartilhá-las com o mundo. “Durante o evento, discutimos o papel de protagonismo da juventude na construção de um futuro melhor. Estamos recebendo a missão de agir de forma organizada para defender o oceano, as florestas e o meio ambiente de forma geral, por isso, nos posicionarmos por meio de um manifesto nos permite apresentar nossas ideias, valores e argumentos para toda a sociedade”.

Segundo Pâmila Rosário, integrante do Coletivo Jovem Meros do Brasil, “a construção conjunta do presente manifesto é uma forma de materializar o compartilhamento das discussões e experiências vividas nesse encontro, além de subsidiar próximos eventos (nossos e de terceiros) e ações em prol do oceano e toda rede de complexidades que o envolve com a sociedade e a cultura de cada cantinho de mundo. A diversidade dos jovens inseridos e apossados do tema, garantiu e garante a contribuição singular e plural de cada um deles nos dias de evento e ao longo da caminhada para o futuro desejado, como reflete esse documento, que foi pensado, escrito e assinado por eles”.

Clique aqui para ler o texto completo.

REDE BIO MAR
TERRITORIALIDADE, CIÊNCIA OCEÂNICA E CULTURA POPULAR: OS COLETIVOS JOVENS E A INVENÇÃO DO MUNDO.
CARAVELAS - BAHIA, PARA O V ENCONTRO JOVEM MAR

QUEM SOMOS E O QUE FAZEMOS
NOSSO LUGAR NO MUNDO É ONDE ESTÁ A NATUREZA E O MAR!
FAZEMOS EDUCAÇÃO AMBIENTAL JUNTO AOS PESCADORES, JOVENS E CRIANÇAS PARA SENSIBILIZAR A SOCIEDADE E PROTEGENDO A NATUREZA
NOSSOS TRABALHOS ESTÃO SEMPRE EM DIREÇÃO A INCENTIVAR A CONEXÃO DE TODOS COM O OCEANO, ASSEGURANDO QUE A CULTURA OCEÂNICA ESTEJA PRESENTE EM TODOS OS DIAS DE NOSSAS VIDAS

PARA INVENTAR O FUTURO QUE QUEREMOS

COLETIVO JOVEM ALBATROZ
COLETIVO JOVENS MONITORES
COLETIVO JOVEM MEROS DO BRASIL
COLETIVO JOVEM MUKÁ MUKÁO
COLETIVO JOVEM MAR DE NORONHA

MANIFESTO V ENCONTRO JOVEM MAR

O MUNDO QUE QUEREMOS
QUEREMOS VIVER EM UM MUNDO SUSTENTÁVEL E JUSTO, SEM OPRESSÃO E DESIGUALDADES. ONDE HAJA ESPÍRITO DE COLETIVIDADE E VALORIZAÇÃO DA CULTURA LOCAL. UM MUNDO NO QUAL NOS SENTIMOS ACOLHIDOS E CONFORTÁVEIS SENDO QUEM SOMOS, COM LIBERDADE CRIATIVA PARA CONTRIBUIR NO TERRITÓRIO COM NOSSAS HABILIDADES.

NO QUE ACREDITAMOS

COM PROMISSO COM A HISTÓRIA E CULTURA AFRO-INDÍGENA BRASILEIRA, COM O OCEANO E A JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL
A DIVERSIDADE NOS TRAZ FORÇA, CORAGEM E POTÊNCIA
DESPERTANDO A CONSCIÊNCIA E VALORES INDIVIDUAIS E COLETIVOS
COM UNIÃO, HUMILDADE, EMPATIA, RESISTÊNCIA, RESILIÊNCIA E CORAGEM
QUEREMOS QUE A CULTURA OCEÂNICA ESTEJA PRESENTE NO DIA-A-DIA DE TODAS AS PESSOAS
MUITA PACIÊNCIA E CONSTÂNCIA EM NOSSA MISSÃO DE INVENTAR UM MUNDO EM UM LUGAR QUE TODOS POSSAM VIVER EM HARMONIA.
MAIS DO QUE NUNCA, PRECISAMOS UNS DOS OUTROS. O QUE VAMOS REALIZAR É GRANDE E SO CONEGEREMOS JUNTOS
COM JOVENS COMO LÍDERES EM SEUS TERRITÓRIOS, CONSTRUINDO POLÍTICAS PÚBLICAS EM PROL DO OCEANO, PESQUISAS CIENTÍFICAS, EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA A POPULAÇÃO DE TODAS AS IDADES E LUGARES

1 UM OCEANO LIMPO
2 UM OCEANO SAUDÁVEL E RESILIENTE
3 UM OCEANO PREVISÍVEL
4 UM OCEANO SEGURO
5 UM OCEANO PRODUTIVO E EXPLORADO DE FORMA SUSTENTÁVEL
6 UM OCEANO TRANSPARENTE E ACESSÍVEL
7 UM OCEANO CONHECIDO E VALORIZADO POR TODOS

“Bio é vida e o jovem é mar autenticidade marítima que eleva qualquer lugar nas diferenças me encontro com o encontro me encanto somos um nó e tanto envolvendo o atlântico trocas, histórias e críticas tudo isso constrói não resistentes e vividos nem mesmo a maresia corrói ensinando e entendendo compartilhando com astral não espere isso de outro local essa é a energia do litoral”
KELLY LETÍCIA SOARES BEZERRA





INTEGRANTE DO CJA REPRESENTA O BRASIL NO FUTURE LEADERS CLIMATE SUMMIT 2023, NOS ESTADOS UNIDOS

Ariane Fonseca viajou a Miami Beach para trocar experiências sobre o engajamento da juventude no combate às mudanças climáticas com pessoas de todo o mundo

A juventude é o futuro do clima, da conservação e do planeta. Por isso, o Future Leaders Climate Summit, evento organizado pelo Aspen Ideas, reuniu 250 jovens de várias regiões na cidade de Miami Beach, no início de março, para que pudessem compartilhar experiências e se engajar em discussões sobre política climática, comunicação e ação com especialistas em clima e energia. Entre os selecionados para o evento estava Ariane Fonseca, bióloga de formação e integrante do Coletivo Jovem Albatroz (CJA). Como uma das jovens mais experientes do CJA, Ariane levou sua bagagem sobre o assunto para o evento, onde teve a oportunidade de fazer networking e se conectar com ideias inspiradoras.

Ariane conta que compartilhou informações sobre as iniciativas e formações do Coletivo Jovem Albatroz, que busca sempre trazer o viés

da importância da conservação do oceano para conter a crise no clima. Entre iniciativas que trabalham com foco nesse mesmo ecossistema, conversou com jovens de instituições como a Parley, Sustainable Ocean Alliance e Eco Angola. Sobre o último, ela destaca que já conhecia e admirava o trabalho: “assim como no CJA, são os jovens que lideram as atividades de conservação de florestas e mares, reciclagem e combate à poluição. É muito interessante ver um país que fala português e tem ações tão bacanas lideradas por jovens, assim como nós”.

A integrante do Coletivo Jovem Albatroz ressalta que uma das principais lições que levou do evento é a importância de agir, apesar das inseguranças. “Mesmo que você ache que talvez não tenha conhecimento suficiente, você pode fazer ações para as suas comunidades, para impactar onde você vive, de acordo com a sua realidade”, afirma. “As realidades no enfrentamento das mudanças climáticas são bastante similares entre países, mas também existem muitas diferenças sobre quando abordamos a interseccionalidade de gênero, classe, raça”.

A participação no Future Leaders Climate Summit e a oportunidade de acompanhar o Aspen Ideas: Climate também a fez refletir sobre o potencial das trocas de experiências e do intercâmbio cultural como ferramenta para enfrentar as tragédias causadas pela mudança no clima. “Fiquei fascinada como a gente pode se conectar com pessoas de outros lugares do mundo, com culturas diferentes, contarmos nossos desafios e buscarmos soluções sobre o que é possível fazer. Essa troca é muito rica e inspiradora”, finaliza.





5 ATIVIDADES PARA ENVOLVER AS CRIANÇAS NA CONSERVAÇÃO MARINHA DURANTE AS FÉRIAS

Desenho, pintura, atividades manuais e vídeos educativos gratuitos ensinam sobre biodiversidade, ecologia e a importância de albatrozes e petréis

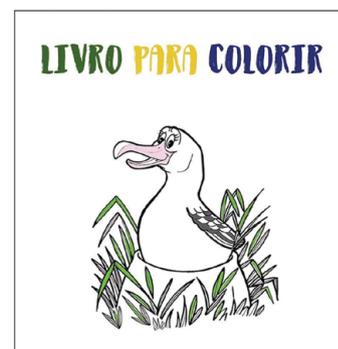
Na educação ambiental, a primeira infância é um período especial: nos primeiros dez anos de vida, as crianças estão em formação emocional, intelectual e social, curiosas e engajadas com a aprendizagem prática, por meio de experiências que enriquecem seu conhecimento. Por esse motivo, as férias são um período de grande importância para exercitar a criatividade, o pensamento lógico e a imaginação. A equipe de educação ambiental do Projeto Albatroz fez uma seleção de cinco atividades para envolver as crianças com a conservação marinha durante as férias deste ano.

Ao colocar a mão na massa por meio da pintura, desenho ou artesanato, os pequenos podem ser apresentados a conceitos complexos sobre o mundo à sua volta de maneira divertida e lúdica. Por exemplo, ao colorir um albatroz, eles podem conhecer mais sobre a biologia da ave, o formato do seu bico, o tamanho das asas, do que se alimentam, onde vivem e outras curiosidades sobre seu comportamento. Com vídeos e histórias em

quadrinhos, podem entender a diferença entre as espécies, quais são os perigos que enfrentam em alto-mar e como contribuir para sua proteção.

Todas as atividades podem ser feitas em casa, de forma gratuita, com a supervisão dos pais ou responsáveis. Para começar, basta ter um computador com acesso à internet, impressora, materiais para colorir e outros itens artísticos, como algodão, tinta e argila.

Confira abaixo cinco atividades para envolver as crianças na conservação marinha:



1 - Livro para colorir

Desenvolvido pelo Projeto Albatroz, o Livro para Colorir foi criado para promover os albatrozes com a proposta de conhecer as aves de uma maneira divertida. O material digital conta com 11 ilustrações desenvolvidas em parceria com o artista plástico Huber e um jogo de caça-palavras das personagens da turminha da Albatrupe.

Download: [Livro para colorir](#)



2 - Vídeos da Albatrupe

As espécies escolhidas como personagens da Albatrupe foram selecionadas de acordo com o grau de extinção e de ocorrência no Brasil. Os detalhes da personalidade de cada um se aproximam do comportamento biológico das aves. Téó, Fred, Tristão, Judith, Alba, Tina e Sophia apresentam a vida dos albatrozes de forma divertida e lúdica. Todos os episódios da Albatrupe estão disponíveis no YouTube.

YouTube: Albatrupe



3 - Oficina de ninhos de albatroz

Uma das atividades preferidas das crianças durante as ações de educação ambiental, a oficina de ninhos de albatroz também pode ser feita em casa, com ajuda dos pais ou responsáveis. Basta juntar a criançada e comprar materiais básicos de artesanato como algodão, argila e tinta plástica. Ao moldar os albatrozes, as crianças aprendem sobre sua biologia.

Instagram: Ninho de albatroz artesanal

4 - Folhas de atividades do albatroz

Que tal unir diversão e educação ambiental para crianças? As Folhas de Atividades do Albatroz vão ajudar nessa jornada de descoberta com histórias, jogos e brincadeiras de colorir para os pequenos exploradores da vida marinha! No total, há sete edições disponíveis para download gratuito. Basta imprimir e se divertir.

Download: Folha de atividades



5 - História em Quadrinhos da Albatrupe

Os mesmos personagens divertidos dos episódios da Albatrupe no YouTube estão nesse livro de história em quadrinhos para uma aventura especial. Em “Espanta Albatroz”, as crianças aprendem mais sobre o universo da conservação marinha e o papel do torilne, uma linha com fitas coloridas que é utilizada pelos barcos de pesca para espantar as aves e, assim, protegê-las da captura incidental.

Download: HQ do Albatrupe

COMUNICAÇÃO AMBIENTAL



CONHEÇA O CONCEITO DAS EXPOSIÇÕES FIXAS DO CENTRO DE VISITAÇÃO DO PROJETO ALBATROZ

No total, são cinco espaços dedicados à sensibilização e à conservação dos ecossistemas marinho e costeiro

Albatrozes e petréis são aves oceânicas que passam a maior parte da vida em alto-mar, se reproduzem em ilhas remotas no meio do oceano e, por isso, muito raramente chegam às praias, sendo poucos os que realmente

conhecem essas aves majestosas. Um dos principais objetivos do Centro de Visitação e Educação Ambiental Marinha do Projeto Albatroz é aproximar o público da biodiversidade marinha e promover a educação e a conservação ambientais, objetivo atingido por meio da criação de uma exposição com cinco espaços dedicados aos ecossistemas marinho e costeiro.

Segundo a coordenadora de comunicação do Projeto Albatroz e uma das idealizadoras das exposições, Juliana Justino, o trajeto e a disposição dos espaços expositivos foi pensado para guiar o visitante de forma imersiva em um trajeto completo que aborda temas de conservação, biologia e pesca para todas as idades. “Queremos que o centro de visitação seja um lugar de compartilhamento de conhecimento, de interação com a natureza e a conexão com o oceano e suas espécies deslumbrantes”, afirma. “Por isso, focamos em ambientações, materiais e apresentações que estimulam a curiosidade e fazem com que as pessoas se sintam imersas nesse universo”.

Na entrada do centro, o visitante conhece a história do Projeto Albatroz em uma sala que detalha a linha do tempo da instituição, que nasceu em Santos (SP) e desde 1990 trabalha pela conservação de albatrozes e petréis, aves oceânicas ameaçadas de extinção. Esse espaço é o ponto de partida para entender os próximos pavilhões de exposição e a importância deles para a conservação costeira e marinha.



O próximo destino é a Trilha do Mangue, onde é possível conhecer e se familiarizar com o manguezal e a fauna e flora característica desse ecossistema em um espaço pensado em parceria com o Projeto Uçá, instituição especialista no assunto também patrocinada pela Petrobras. De lá, tem início uma trilha autoguiada rodeada por ar livre, com mangues, aroeiras, diversas espécies de caranguejos e aves para observação. Placas ajudam o público a identificar plantas e animais que vivem no local.



Após esse percurso, o visitante chega na Calçada dos Ecossistemas, onde faz uma caminhada às margens da Lagoa de Araruama enquanto conhece as particularidades de cada um dos ambientes presentes na região, desde o manguezal até o ambiente pelágico. Dali, é convidado a dar um verdadeiro mergulho no Espaço Oceano e encantar-se com a diversidade das espécies que habitam esse ambiente.

Por lá, os visitantes conhecem os principais animais marinhos protegidos pelos projetos da Rede Biomar, formada pelos projetos Albatroz, Baleia Jubarte, Coral Vivo, Golfinho Rotador, Meros do Brasil que, junto da Petrobras, realizam ações de pesquisa e educação ambiental para conservar

animais marinhos. Essas últimas são gigantes do oceano e, com apoio do Instituto Orca, uma grande ossada do cetáceo ocupa a posição central do espaço. Além dela, há esqueletos de albatrozes montados pela especialista do Projeto Albatroz, Alice Pereira.

Para fechar o trajeto da visita, o Espaço Albatroz reúne materiais que abordam a biologia dos albatrozes e petréis, apresentando as principais espécies e adaptações biológicas dessas aves incríveis, explicando a interação delas com a pesca de espinhel e guiando o visitante por uma reflexão sobre o seu papel na conservação do oceano.



Nesta última sala, também é possível interagir com um painel sobre as espécies de albatrozes, observar de perto amostras como crânios, patas, ossos e penas de albatrozes, cedidos pelo Banco Nacional de Amostras de Albatrozes e Petréis (BAAP) e conhecer a dinâmica da pesca de espinhel, que captura incidentalmente essas aves. Com auxílio de painéis e petrechos, é possível entender como ocorre a captura e também as medidas mitigadoras para diminuir o impacto dessa pescaria.



EXPOSIÇÃO PROPÕE IMERSÃO NA BIOLOGIA E DESAFIOS DE CONSERVAÇÃO DOS ALBATROZES

Idealizada para amplificar a mensagem da conservação marinha, mostra digital é on-line e gratuita

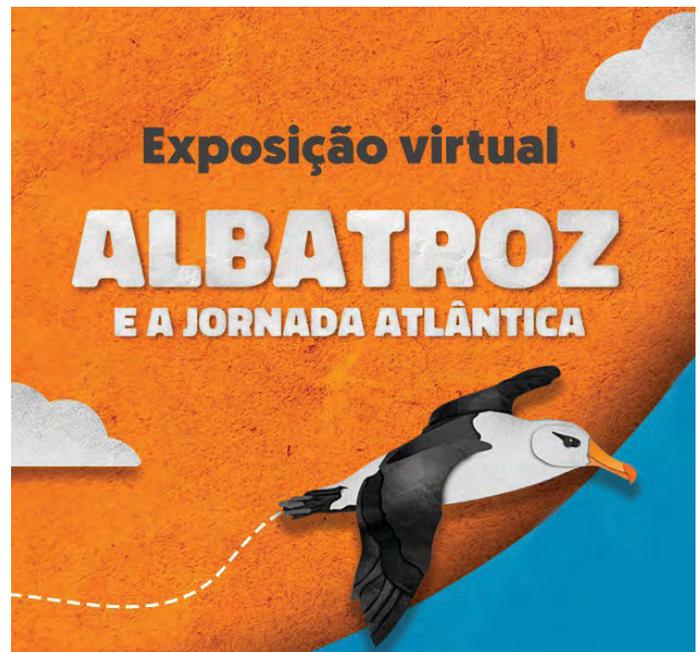
Estima-se que 30 a 40 mil albatrozes morrem anualmente, vítimas de ameaças como a captura incidental pela pesca, mudanças climáticas e ingestão de resíduos plásticos. São aves oceânicas, que passam a maior parte da vida em alto-mar e, por isso, são desconhecidas do público. Para trazê-las ao conhecimento de pessoas de todas as idades e sensibilizá-las sobre a conservação dessas aves, o Projeto Albatroz lançou a exposição virtual “Albatroz e a Jornada Atlântica”, que pode ser visitada neste link.

SITE: projetoalbatroz/jornada-atlantica

Das 22 espécies de albatrozes que existem ao redor do mundo, 11 sobrevoam águas brasileiras ou interagem com navios pesqueiros. Essas são as principais estrelas da exposição, uma vez que estão mais próximas do país e são comumente avistadas por navegadores, pescadores e cientistas que trabalham em mar aberto. Para encantar o público, a mostra virtual apresenta, com recursos de foto, áudio, vídeo e ilustração, as principais características dessas aves, seus comportamentos singulares, detalhes da sua biologia, e também informações como o status de conservação, essenciais para entender a importância de sua conservação.

Amplificar a mensagem da conservação

A ideia de criar uma exposição virtual surgiu ainda durante a pandemia de Covid-19, como uma forma de alcançar um público maior e mais diverso por meio do ambiente digital. De acordo com a assessora de comunicação do Projeto Albatroz, Tatianne Fonseca, a instituição idealizou uma atmosfera



visual com elementos dos ambientes em que as aves oceânicas vivem, usando o design e as tecnologias disponíveis, para encantar o público.

“Queríamos impactar com um estilo diferente do que costumamos realizar em nossos materiais educativos. As ilustrações foram feitas na estética paper art, com texturas e cores vibrantes para trazer um estilo moderno. Esse estilo consegue reunir em seu visual lúdico agradável para pessoas de diferente faixa etária”, explica. Todo o projeto visual da exposição foi criado pelo designer Felipe Ferreira.

Ligada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) número 4 (Educação de Qualidade) e 14 (Vida na Água), a exposição almeja popularizar esse grupo de aves, seu ciclo de vida, bem como a importância da conservação das espécies. “Esperamos que no final da exposição as pessoas reflitam sobre a nossa relação com os animais e o oceano, além de estimular a mobilização para conquistarmos um oceano saudável”, finaliza Tatianne.

“O nosso desafio é sempre entregar o conteúdo científico traduzido para o público em uma linguagem mais popular e acessível a todos”, aponta a coordenadora de comunicação do Projeto Albatroz, Juliana Justino. “Nesta exposição, trouxemos os recursos visuais em toda página como um forte aliado para compilar o conteúdo de uma forma mais atrativa para o público”.



DIA MUNDIAL DO ALBATROZ ALERTA PARA EFEITOS DA POLUIÇÃO POR PLÁSTICO NA SOBREVIVÊNCIA DAS ESPÉCIES

Campanha global coloca em evidência quatro espécies especialmente ameaçadas pelos resíduos plásticos e seus efeitos tóxicos

A poluição plástica é um dos principais desafios para a conservação marinha, não só pelos efeitos no ecossistema, mas também pelas consequências para a sobrevivência dos animais que vivem nele. Estudos estimam que até 90% de todas as aves marinhas vão ingerir plástico em algum momento de sua vida e além dos efeitos que os plásticos podem causar ao levar à obstrução ou perfuração do trato gastrointestinal, esses materiais também podem liberar uma infinidade de produtos químicos que podem ser absorvidos pelo trato digestivo, podendo causar intoxicação e morte. Para alertar sobre essa ameaça global, o Projeto Albatroz

se uniu à campanha do Dia Mundial do Albatroz, celebrado em 19 de junho.

Uma das aves escolhidas para simbolizar a campanha deste ano é o albatroz-de-sobrancelha-negra (*Thalassarche melanophris*), símbolo do Projeto Albatroz e mais comumente encontrado em águas brasileiras. Com o patrocínio da Petrobras pelo Programa Petrobras Ambiental há mais de 15 anos, o Projeto Albatroz conseguiu ampliar ações de pesquisa científica, educação ambiental e políticas públicas que culminaram na saída dessa espécie da lista de espécies ameaçadas de extinção em 2015.

Esforço global para a conservação

Segundo os representantes do Acordo para a Conservação de Albatrozes e Petréis (ACAP), a poluição por plástico é considerada uma das principais ameaças às populações de albatrozes ao redor do mundo, ao lado das mudanças climáticas e da captura incidental pela pesca. O plástico foi tema de uma série de discussões do maior encontro de especialistas sobre essas espécies, a 13ª Reunião do Comitê Assessor.

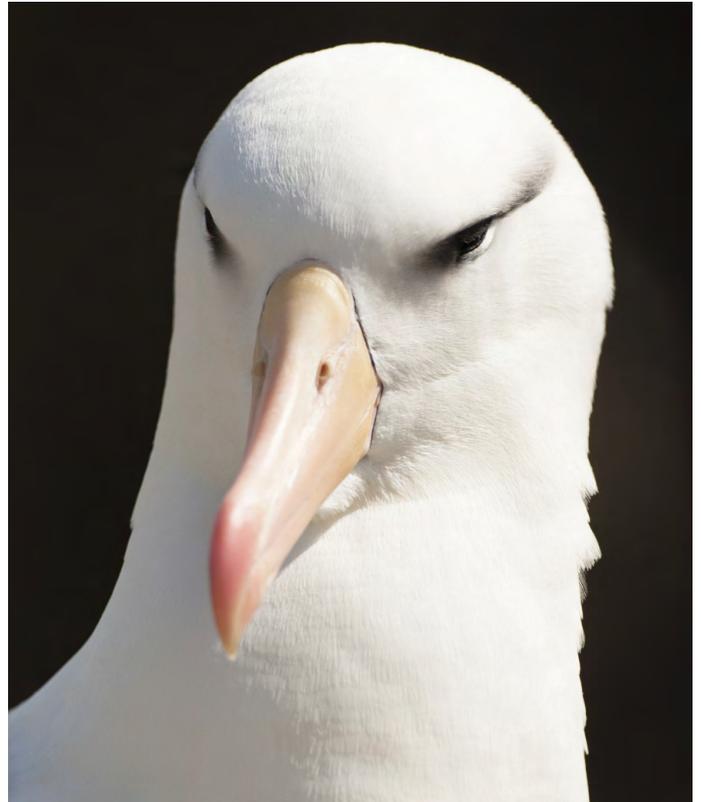
A coordenadora geral do Projeto Albatroz, Tatiana Neves, é também vice-presidente do comitê assessor e participou do evento. Segundo ela, o Brasil encara a poluição plástica de forma séria, colaborando com ações de educação ambiental e pesquisas que apoiem políticas públicas para a conservação das aves. “Toda a vida do planeta está interconectada. Quando falamos sobre combater a poluição por plástico para proteger os albatrozes, também estamos protegendo peixes, mamíferos, corais, microrganismos, plantas, e também a saúde humana. Juntos, com ações estratégicas, podemos mudar isso”.

Para Andrei L. Roos, Analista Ambiental do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres (CEMAVE/ICMBio) e atual coordenador do Plano de Ação Nacional para a Conservação de Albatrozes e Petréis (Planacap), é essencial divulgar informações sobre a poluição por plástico para sensibilizar a sociedade. “Estamos na Década do Oceano e, além dos efeitos do plástico no ecossistema, há uma série de informações ainda pouco conhecidas pelo público sobre como esses materiais, que parecem inofensivos, representam ameaças sérias para a biodiversidade”.

Impactos da poluição por plástico

Os albatrozes são aves oceânicas que passam a maior parte da vida em alto-mar, e poucas pessoas têm contato com eles. Porém, ações como jogar uma garrafa de água na praia ou uma embalagem no chão, podem colocar as espécies em perigo: os plásticos são feitos de materiais resistentes, à base de compostos químicos como ftalatos (responsáveis por deixá-los maleáveis), metais pesados (como mercúrio) e poluentes orgânicos persistentes (POPs, como inseticidas) e levam cerca de 500 anos para se decompor.

Assim, ao confundirem plásticos com alimentos, os albatrozes se alimentam desses resíduos que não são digeridos e se acumulam em seu sistema digestivo. Esses materiais podem perfurar órgãos ou impedir a passagem de comida, levando à morte dos animais por inanição.



Muitos albatrozes também regurgitam plásticos em meio à comida oferecida aos filhotes, colocando em perigo a continuidade da espécie, já que os casais colocam apenas um ovo a cada um ou dois anos.

Intoxicação por plástico

Quando ingerido, o plástico pode passar anos dentro do corpo das aves, liberando compostos químicos que causam doenças crônicas, intoxicação e até morte. Entre os produtos químicos que podem ser liberados pelos plásticos estão os ésteres ftalatos, um grupo de produtos químicos amplamente utilizados para alterar as características físicas dos plásticos.

No estudo “Ésteres de ftalatos (plastificantes) na glândula uropigial e sua relação com a ingestão de plásticos por aves marinhas na costa do Espírito Santo, Leste do Brasil”, publicado no ano passado no *Journal of Zoo and Wildlife Medicine*, os pesquisadores estudaram a presença destes materiais na glândula usada pelos albatrozes para impermeabilizar suas penas. A médica veterinária Patrícia Serafini, e a consultora técnica Alice Pereira, colaboradoras do Projeto Albatroz, participaram do estudo.

COMPARTILHANDO CONHECIMENTO: REDE BIOMAR LANÇA GUIA DE BOAS PRÁTICAS DE PRESENÇA DIGITAL PARA PROJETOS SOCIOAMBIENTAIS

Material gratuito tem o objetivo de orientar instituições a comunicarem seus trabalhos de forma profissional e autêntica nas redes sociais

Formada por iniciativas de conservação marinha na costa brasileira que desenvolvem ações integradas para a conservação da biodiversidade, a Rede Biomar é resultado da convergência de conhecimentos dos projetos Albatroz, Baleia Jubarte, Coral Vivo, Golfinho Rotador, Meros do Brasil e da Petrobras, que patrocina os projetos por meio do Programa Petrobras Socioambiental e também participa da Rede. Com mais de dez anos de trabalho nas áreas de pesquisa, políticas públicas, educação ambiental e comunicação, a rede também compartilha seus conhecimentos para profissionalizar as novas iniciativas socioambientais do país. Em abril, a Rede Biomar lançou o seu Guia de Boas Práticas de Presença Digital para Projetos Socioambientais durante o II Workshop de Comunicação da Petrobras, no Rio de Janeiro. O material online pode ser baixado gratuitamente no link a seguir.

Download: [Guia Rede Biomar](#)

Elaborado de forma coletiva pelos setores de comunicação dos cinco projetos da rede, o guia dispõe de informações para projetos e ONGs que precisam criar suas primeiras redes sociais, e também para aqueles que desejam aprimorar sua comunicação no meio virtual, com insights sobre tendências, linguagem, formatos, aplicativos úteis, anúncios e acessibilidade digital.

A ideia de criação do guia partiu da observação do cenário dos setores de comunicação dentro de

instituições socioambientais e suas necessidades mais importantes. Em muitos casos, os setores podem enfrentar desafios financeiros, equipes reduzidas ou até mesmo a falta de conhecimento dos profissionais sobre o assunto, impactando o sucesso dos projetos e a divulgação de sua mensagem para os públicos prioritários.

“O guia tem o propósito de ser uma ferramenta para compartilhar o conhecimento adquirido pelos projetos que participam da Rede Biomar com outros projetos socioambientais, trazendo um panorama sobre a atuação das instituições nos meios digitais, levando sempre em conta os públicos que com quem eles se comunicam e a identidade de cada uma”, explica a coordenadora de comunicação do Projeto Albatroz, Juliana Justino. “Queremos que cada vez mais projetos consigam implementar ideias criativas em sua comunicação e façam seus trabalhos chegarem mais longe”.

Fortalecimento do planejamento estratégico

Em 2021, foi divulgado o Planejamento Estratégico da Rede Biomar para o decênio 2021-2030, que visa garantir que as ações da Petrobras e dos Projetos integrantes cumpram uma missão coletiva e busquem uma visão de futuro em comum. Ele prevê transformações na sociedade que levem a uma transição para o uso da biodiversidade marinha de forma sustentável, levando a uma melhoria no estado geral de conservação do oceano. Entre seus eixos transversais, dois estão ligados ao guia: ‘reputação e relacionamento’ e ‘transformação digital’.

Na opinião de Juliana Justino, para se destacar nas redes sociais é preciso ter um pensamento analítico e estratégico de comunicação com o público, uma vez que as redes sociais têm um fluxo acelerado de informações. “Observamos que a sociedade demanda cada vez mais transparência e conteúdo de boa qualidade para captar a atenção e a reação das pessoas. É imprescindível estar alinhado às tendências para manter altos níveis de reputação e credibilidade”, conclui.



PARA ESTIMULAR UM NOVO OLHAR SOBRE O MEIO AMBIENTE, PROJETO ALBATROZ REALIZA CURSO DE FOTOGRAFIA DA NATUREZA

Atividade conduzida pelo fotógrafo e coordenador administrativo financeiro da instituição aconteceu em Cabo Frio (RJ)

As fotografias são parte importante do trabalho de conservação ambiental e marinha: elas permitem registrar espécies para identificação, quantificar animais ameaçados, documentar comportamentos e também inspirar as pessoas sobre belezas pouco conhecidas. No mês do meio ambiente, o Projeto Albatroz realizou um curso de fotografia da natureza para exercitar o olhar fotográfico do público em Cabo Frio (RJ).



Em seguida, já no final da tarde, foram à campo para colocar os aprendizados em prática. Com ajuda de Bruno Assis, os participantes testaram as técnicas de enquadramento e composição com uma vista privilegiada da Lagoa de Arauama, registrando imagens da costa.

Para Bruno Assis, a fotografia é uma arte que exige técnica, mas principalmente sensibilidade no olhar. “É interessante ver como cada indivíduo tem uma sensibilidade própria dentro de si, e conforme trabalhamos as técnicas dentro e fora da sala de aula, são desenvolvidas habilidades para enxergar cenas despercebidas pelos outros. Com este curso, o objetivo foi capacitá-los para que consigam despertar o olhar fotográfico descobrindo novas paisagens e belezas naturais para compartilharem com o público”, explica. “A fotografia é uma importante ferramenta de educação e sensibilização ambiental”.

